

SOB A PELE

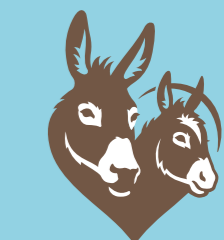
Novas informações sobre a crise global de jumentos e as pessoas que dependem deles

NOVEMBRO DE 2019



**THE DONKEY
SANCTUARY**

UPDATE



**THE DONKEY
SANCTUARY**

SUMÁRIO

PREFÁCIO DE MIKE BAKER	4
SUMÁRIO EXECUTIVO	6
A INDÚSTRIA DO EJIAO	10
POPULAÇÃO MUNDIAL DE JUMENTOS EM CRISE	12
BEM-ESTAR ANIMAL	14
MEIOS DE SUBSISTÊNCIA	20
MULHERES	24
MEIO AMBIENTE	26
PANORAMA DO MERCADO DE PELES:	
UMA AMEAÇA GLOBAL AO BEM-ESTAR DOS JUMENTOS ..	30
COMÉRCIO ILEGAL	32
LIGAÇÕES COM OUTRAS PRÁTICAS CRIMINOSAS	36
BIOSSEGURANÇA	37
OPOSIÇÃO AO COMÉRCIO	42
PECUÁRIA	46
O QUE ESTAMOS FAZENDO	48
UM FUTURO HUMANITÁRIO E SUSTENTÁVEL	52
RECOMENDAÇÕES	54
REFERÊNCIAS	56

AGRADECIMENTOS

The Donkey Sanctuary gostaria de agradecer de coração à sua rede de amigos, parceiros e colegas de todo o mundo que contribuíram com informações para este relatório e que defendem o bem-estar dos jumentos diariamente.

Solicitamos que as organizações que desejam citar ou mencionar conteúdos do relatório *Sob a pele: novas informações* da The Donkey Sanctuary utilizem a seguinte referência: Fonte: relatório *Sob a pele: novas informações* da The Donkey Sanctuary.

Copyright ©2019 The Donkey Sanctuary.

PREFÁCIO DE MIKE BAKER



Há uma crise global atingindo os jumentos.

É a primeira vez que os jumentos enfrentam esse nível de ameaça, à medida que as populações locais em alguns países diminuem drasticamente devido à contínua demanda por peles. Trata-se de uma crise que exige

ação imediata, e estamos reivindicando a suspensão urgente do comércio global de peles de jumento.

Esses animais confiáveis, trabalhadores e sencientes enfrentam um sofrimento indescritível em virtude das atividades dos comerciantes de peles em todo o mundo. Eles são frequentemente transportados por longas distâncias sem comida, água ou descanso, e podem ficar confinados por vários dias em pátios sem nenhum abrigo, até serem abatidos de maneira muitas vezes brutal.

Estima-se que eles colaborem para o sustento de 500 milhões de pessoas em algumas das comunidades mais pobres do mundo. Eles transportam produtos para venda, carregam água e madeira, facilitam o acesso à educação e são uma fonte de renda indispensável para comunidades vulneráveis, principalmente mulheres.

Temos a obrigação de garantir que esses animais resilientes e inteligentes sejam tratados de forma humanitária e tenham uma vida digna.

The Donkey Sanctuary apoia os esforços de governos nacionais e comunidades locais para a proteção de suas populações de jumentos e faz um apelo para que os governos e a indústria do eijao implementem planos urgentes para garantir os melhores resultados práticos para os jumentos e para as pessoas que dependem deles.

O tempo está se esgotando e temos que agir agora para salvarmos esses animais maravilhosos.

Mike Baker
Diretor Geral da The Donkey Sanctuary



SUMÁRIO EXECUTIVO

As populações mundiais de jumentos estão em crise. Os jumentos estão sendo vendidos e roubados à medida que aumenta a demanda por sua pele, fomentada pela produção de ejiao, um medicamento chinês tradicional que alguns acreditam ter propriedades medicinais.

Estima-se que a indústria do ejiao necessite atualmente de cerca de 4,8 milhões de peles de jumento por ano. Com a diminuição dos rebanhos de jumentos na China, de 11 milhões em 1992 para somente 2,6 milhões atualmente, a indústria do ejiao precisou buscar peles de jumento em outras partes do mundo, exercendo uma pressão inédita sobre a população global de jumentos e contribuindo para ao colapso de algumas populações locais desses animais.

Para uma grande parte das comunidades mais vulneráveis do mundo, principalmente mulheres, os jumentos são um caminho para sair da pobreza e podem representar a diferença entre uma vida miserável e uma subsistência modesta. Eles são usados diariamente para carregar água e levar famílias a clínicas de saúde e crianças

à escola. A renda gerada por jumentos que transportam produtos para venda em mercados permite que os proprietários invistam em regimes de poupança, contribuindo para o fortalecimento da economia dentro das suas comunidades. Para essas pessoas, o comércio de pele de jumentos tem um impacto catastrófico.

Ele também traz consequências desastrosas para o bem-estar desses animais. Os jumentos frequentemente recebem um tratamento cruel e muitas vezes ilícito por parte dos comerciantes, e muitos enfrentam um sofrimento horrível e injustificável. O fornecimento de animais é muitas vezes feito sem nenhum tipo de controle, com fêmeas prenhes em estado avançado de gestação, filhotes muito jovens e jumentos doentes e feridos sendo comercializados de forma indiscriminada. Os animais são frequentemente transportados durante vários dias em caminhões superlotados, sem comida, água ou descanso. Em alguns casos, até 20% dos jumentos chegam mortos ao abatedouro. Outros chegam com membros quebrados ou lesionados, ou com feridas

infectadas, ou em estágio avançado de desnutrição. Quando chegam ao abatedouro, os jumentos podem passar dias confinados em complexos superlotados, mais uma vez sem acesso à comida ou água, até serem finalmente abatidos, geralmente de forma brutal. Como os ferimentos e as doenças não afetam externamente a qualidade da pele, os comerciantes locais não veem motivos para tratar os jumentos de forma humanitária. A morte de um jumento por ferimentos, doença, sede, fome ou estresse é muitas vezes vista com bons olhos, pois assim não há gastos com o abate, mas a pele ainda pode ser processada. Quando há leis para garantir o bem-estar dos jumentos, evitar a transmissão de doenças e proteger o meio ambiente, há também provas contundentes de que elas não são respeitadas. Nos locais em que a comercialização foi legalizada, o crescimento do negócio se deu de forma tão rápida, tanto em termos de tamanho quanto de complexidade, que não há praticamente nenhuma regulamentação, tornando impossível o monitoramento do bem-estar dos animais ou o rastreamento da origem das peles. Nos locais em que o

abate de jumentos e a exportação da sua pele são atividades ilegais, os jumentos estão sendo roubados e comercializados de forma indiscriminada, contrariando as leis locais e nacionais e as tradições culturais. A comercialização também já foi vinculada ao tráfico de drogas e de animais selvagens.

A ampla comercialização internacional sem regulamentação de um produto derivado com frequência do abate não higiênico de jumentos cujo estado de saúde é desconhecido gera um risco elevado de disseminação de doenças infecciosas em todo o mundo. Há riscos para a saúde humana, com zoonoses como antraz e tétano. Essas doenças são uma ameaça imediata para as pessoas que manuseiam as peles e trabalham nesse ramo, sendo necessária a adoção de medidas urgentes.

A ameaça para os equinos também é clara. A morte recente de dezenas de milhares de jumentos na África Ocidental em decorrência de uma variedade de doenças, algumas das quais ainda não diagnosticadas, comprova a destruição que a disseminação de doenças



pode provocar – em grande parte devido ao deslocamento dos animais.

Há uma oposição crescente a essa indústria insustentável. Até o momento, 18 países tomaram providências, muitos deles devido a preocupações em relação à segurança das suas populações de jumentos, aos riscos de propagação de doenças e ao impacto sobre os meios de subsistência. As comunidades estão se unindo para proteger seus jumentos contra essa ameaça incessante. The Donkey Sanctuary, seus parceiros locais, a organização Brooke e a Sociedade Protetora de Animais no Exterior (Society for the Protection of Animals Abroad, SPANA) estão trabalhando juntas com governos nacionais e comunidades locais para proteger seus jumentos.

Com o colapso de populações em alguns países fornecedores e um número crescente de países se posicionando contra a comercialização, a indústria do ejiao enfrenta um desafio. Sua fonte de abastecimento no mercado internacional é limitada, o número de peles exigido por essa indústria simplesmente não é sustentável. Algumas pessoas do setor reconheceram essas dificuldades e tomaram medidas em direção à autossuficiência no suprimento de matérias-primas.¹ Representantes da indústria do ejiao já comunicaram sua intenção de estabelecer uma fonte de abastecimento de matérias-primas confiável e sustentável em nível nacional, tornando desnecessária a dependência do mercado internacional de peles,² em que é praticamente impossível garantir que os suprimentos são obtidos de maneira ética e legal.

Tem havido um investimento significativo na criação de jumentos na China, e alguns países africanos também estão sendo incentivados a estabelecer criações como uma oportunidade de negócio. Alguns produtores chineses estão se esforçando para introduzir boas práticas de bem-estar animal, e o setor está dialogando com especialistas mundiais e se comprometendo com o estabelecimento e o cumprimento de boas normas de bem-estar animal. No entanto, embora seja possível introduzir boas práticas de bem-estar animal em criações de jumentos, a espécie apresenta necessidades complexas no que se refere a bem-estar; seus ciclos reprodutivos são lentos, e a sua criação exige um investimento significativo tanto de tempo quanto de dinheiro. Há evidências de que seriam necessários mais de 20 anos para chegar ao número de jumentos exigido pela indústria do ejiao.

A criação de jumentos, que existe na China para comercialização de carne e leite, não oferece

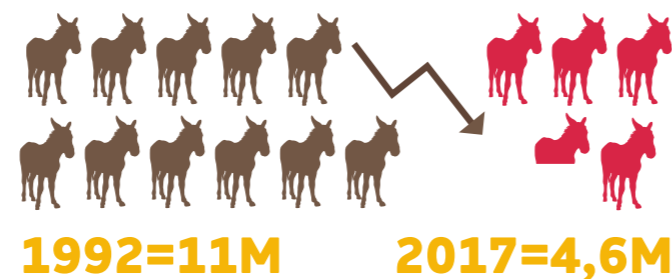
um retorno rápido de investimentos nem uma solução para a rápida diminuição das fontes de jumentos.

Fazemos um apelo para que a indústria do ejiao deixe de adquirir peles de jumentos no mercado internacional e coloque em prática medidas para buscar maneiras humanitárias e sustentáveis de atender às necessidades dessa indústria. Há enormes avanços, por exemplo, no setor de agricultura celular na China e em todo o mundo. Descobertas revolucionárias quanto à produção de colágeno animal são exemplos promissores que podem representar uma opção para o futuro do ejiao, tornando o colágeno derivado de jumento cultivado artificialmente, ou até mesmo a pele cultivada em laboratórios, uma perspectiva plausível. Essa possível solução já está sendo explorada por alguns produtores de ejiao e, se implementada, poderá suprir a indústria de ejiao com uma fonte de matérias-primas regular, controlada e higiênica.

Enquanto a crise dos jumentos continua, é mais importante do que nunca buscarmos alternativas humanitárias, sustentáveis e seguras que possam atender à demanda de ejiao sem comprometer o bem-estar dos jumentos, a sustentabilidade das comunidades, a saúde do meio ambiente e a segurança das pessoas que trabalham no setor e que consomem produtos à base de ejiao.

4,8 MILHÕES
DE PELES DE JUMENTOS ANUALMENTE

 **POPULAÇÃO DE JUMENTOS NA CHINA**



 **20%** DOS JUMENTOS MORREM DURANTE O TRANSPORTE



A INDÚSTRIA DO EJIAO

A indústria do ejiao experimentou um crescimento significativo ao longo dos últimos seis anos, caracterizado por um aumento na demanda e aumentos regulares de preços. Em três anos, de 2013 a 2016, a produção anual de ejiao aumentou de 3.200 para 5.600 toneladas,³ o que representa um crescimento anual de mais de 20%.

Os números variáveis relatados pela indústria do ejiao, a ampla falta de regulamentação e a natureza muitas vezes ilícita do mercado impossibilitam a obtenção de dados precisos para a produção atual de ejiao. No entanto, segundo uma pesquisa feita na Universidade de Reading, estima-se que foram necessárias 4,8 milhões de peles para atingir os índices de produção de 5.600 toneladas de ejiao em 2016.⁴ A indústria nacional é capaz de suprir aproximadamente 1,8 milhão dessas peles; os 3 milhões restantes são obtidos no mercado global de pele de jumento. Entretanto, é possível que esse número seja ainda maior. Em outubro de 2018, um porta-voz da produtora de ejiao Dong-E-E-Jiao, confirmou que a China importou 3,5 milhões de peles de jumento em 2016.⁵

Essa superexploração de um recurso mundial finito tem preocupado comunidades, governos nacionais, órgãos intergovernamentais e organizações não governamentais (ONGs). Faz tempo que a indústria do ejiao está receosa quanto à insustentabilidade do mercado devida à diminuição da fonte de jumentos. Em 2015, Qin Yufeng, presidente da maior produtora de ejiao da China, a Dong-E-E-Jiao, afirmou que os números estavam caindo a uma taxa de 3 a 5% anualmente. “A indústria do ejiao enfrenta um enorme desafio devido à diminuição do suprimento de couro de jumento. Estamos com dificuldades para expandir a capacidade produtiva”, diz ele.

Esse alerta foi reforçado em 2017 por um porta-voz de um dos maiores fornecedores do setor, o abatedouro Goldox no Quênia, que disse haver “uma iminente escassez mundial de jumentos... e a espécie pode ser extinta em apenas três anos.”⁷ A indústria do ejiao enfrenta agora uma crise

no abastecimento. Com um número crescente de países fechando as rotas de abastecimento, inclusive aqueles com grandes populações de jumentos como Etiópia, Nigéria e Brasil, simplesmente não há animais suficientes para sustentar o comércio de pele de jumento.

Segundo a empresa Happiness Biotech Group, a escassez de pele de jumento provocou uma redução de quase 16% no faturamento de vendas de ejiao de setembro de 2017 a setembro de 2018.⁸ A maior produtora de ejiao da China, a Dong-E-E-Jiao, previu que haveria uma queda de aproximadamente 75% nos lucros da empresa na primeira metade de 2019, e que os lucros continuariam a cair depois disso.⁹

A indústria do ejiao adotou medidas para se tornar autossuficiente quanto ao suprimento de matérias-primas, visando estabelecer uma fonte confiável e sustentável em nível nacional e tornando desnecessária a sua dependência do mercado internacional de peles. Tem havido investimentos significativos na criação de jumentos na China, e alguns produtores têm se esforçado para garantir a adoção de boas práticas de bem-estar animal em algumas dessas criações. A indústria também investiga a possibilidade de atender à demanda por ejiao com a ajuda da agricultura celular e alternativas que não usem jumentos.

O futuro da indústria permanece incerto; no entanto, independentemente da sua trajetória nos próximos anos, a demanda atual exerce uma pressão insustentável sobre as populações mundiais de jumentos e provoca um impacto desastroso sobre as populações nacionais.



POPULAÇÃO MUNDIAL DE JUMENTOS EM CRISE

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (Food and Agriculture Organization of the United Nations, FAO), em 1992 havia mais de 11 milhões de jumentos na China – o maior rebanho de jumentos do mundo. Em 2017, a FAO estimou que esse número havia diminuído em mais da metade, chegando a uma população de 4,6 milhões de jumentos. Contudo, o Anuário estatístico da China para 2017 apresenta um número ainda mais baixo: 2,6 milhões.¹⁰ Estima-se que o suprimento anual de jumentos dentro da China seja menor que 1,8 milhão.¹¹ O mercado internacional de pele de jumento supre o restante de aproximadamente 3 milhões de peles necessárias para a produção de ejiao. Essa demanda exerce uma pressão contínua e sem precedentes sobre as populações de jumentos em todo o mundo e levou as populações nacionais a um colapso.

- Funcionários do governo do Quênia expressaram grande preocupação com seu rebanho nacional, pois o índice de abate de até 378.000 jumentos por ano exerce uma pressão implacável sobre as populações.¹² Segundo um veterinário queniano, que preferiu não ser identificado por medo de represálias, “...os jumentos estão sendo roubados e transportados de maneira completamente indevida, ou abatidos no campo sem a documentação adequada atestando seu estado de saúde.” O Dr. Samuel Kaharir, presidente da Associação de Veterinários do Quênia e membro do Conselho Veterinário do Quênia, um órgão governamental que regula o setor de rebanhos, afirmou que “... com a enorme demanda da China, a população de jumentos do país está correndo perigo.”¹³ Raphael Ngome, da Sociedade Queniana para a Prevenção da Crueldade contra os Animais, expressa a mesma preocupação ao afirmar que “...o comércio de couro de jumentos levará à extinção da espécie. O Quênia enfrentará um futuro sem jumentos.”¹⁴
- No Quirguistão, onde aproximadamente 70% da população do país habita zonas rurais, muitas pessoas dependem dos jumentos para transporte e atividades mecanizadas. O mercado de peles contribuiu para uma redução de 53% do rebanho nacional de jumentos em um período de seis anos, entre 2011 e 2017. Esse declínio privou comunidades inteiras dos benefícios econômicos proporcionados por esses animais essenciais, levando a uma grande preocupação quanto ao descaso com a religião local,¹⁵ à poluição ambiental e ao risco de disseminação de doenças, pois os jumentos são trazidos do país vizinho Tajiquistão sem passarem por quarentena ou avaliações de saúde.
- No mesmo período de seis anos, o número de jumentos em Botswana caiu em 37%.¹⁷ Esse colapso, fomentado tanto pela comercialização legalizada como por operações clandestinas,

provocou um disparo no preço dos jumentos, impossibilitando que os proprietários substituíssem seus animais roubados.

- O Brasil tem sofrido um declínio constante nas populações de jumentos: os números da FAO mostram uma redução de quase 28% entre 2007 e 2017. Esse número é provavelmente muito maior, pois os jumentos sem dono, cobiçados pelo mercado de peles, certamente não foram contabilizados.
- Em 2017, a Diretoria de Serviços Veterinários em Ghana expressou preocupações quanto ao futuro do rebanho nacional de jumentos. “A Diretoria observou, alarmada, uma queda acentuada no número de jumentos, principalmente ao norte do país”, disse o diretor Dr. Kingsley Micky Aryee, “e nesse ritmo a população de jumentos provavelmente se esgotará em dois ou três anos”.¹⁸

A redução dessas populações nacionais de jumentos gera receios de que os jumentos em breve serão uma raridade em alguns países, e pesquisadores da Beijing Forestry University alertam que a demanda por peles pode fazer com que os jumentos “sejam os próximos pangolins”.¹⁹



REDUÇÃO NA POPULAÇÃO DE JUMENTOS ENTRE 2007 E 2017 NO BRASIL



BEM-ESTAR ANIMAL

Os jumentos são animais sencientes e inteligentes. Eles têm consciência dos seus sentimentos e emoções e são capazes de experimentar prazer e alegria, bem como dor e sofrimento. Eles merecem, no mínimo, uma vida livre de sofrimento. O tratamento ministrado aos jumentos e o intenso sofrimento que eles têm que suportar a cada estágio do comércio de peles – do suprimento ao abate – é antiético, inaceitável e muitas vezes ilícito.

SUPRIMENTO

A demanda por peles é tão alta que mesmo fêmeas prenhes, filhotes jovens e animais feridos e doentes estão sendo adquiridos e abatidos. As diretrizes da Organização Mundial de Saúde Animal (World Organisation for Animal Health, OIE) determinam que animais em estágio final de gestação, ou que estejam doentes ou feridos, não devem ser transportados, a menos que seja para levá-los a uma clínica veterinária para atendimento.

Apesar disso, as pessoas que trabalham no mercado de peles geralmente demonstram total descaso com as condições físicas e a aptidão dos animais para a viagem. Jumentos doentes e feridos são selecionados com frequência para o abate. Em alguns casos, os abatedouros procuram especificamente jumentos doentes e idosos, fazendo com que sejam carregados em caminhões por longas distâncias até o abatedouro.²⁰

The Donkey Sanctuary e seus parceiros também têm provas do transporte de fêmeas em estágio final de gestação, algumas das quais dão à luz ou abortam durante a viagem. Ao chegar, os filhotes são abatidos ou abandonados para morrer em currais, e suas carcaças – ou os fetos abortados durante a jornada – são descartadas.

O carregamento indiscriminado faz com que jumentos de origens diversas e muitas vezes desconhecidas sejam confinados em um mesmo caminhão, aumentando o risco de transmissão de doenças.

Os jumentos ficam extremamente estressados quando separados de outros jumentos com os quais estabeleceram uma conexão, e quando separados de proprietários cuidadosos. Ao serem expostos a condições com as quais não estão preparados para lidar, eles enfrentam situações em que seu bem-estar fica comprometido. As consequências



são visíveis: os jumentos ficam doentes ou feridos, podendo até morrer. Contudo, os efeitos sobre o estado emocional dos jumentos pode ser ainda mais profundo, e os animais ficam tão angustiados, deprimidos e assustados que simplesmente param de comer e enfrentam uma morte lenta por doença metabólica.²¹

TRANSPORTE E MANEJO

Jumentos comercializados nos mercados de pele e carne são geralmente manejados por pessoas locais interessadas em ganhar dinheiro rápido. Sendo assim, os tratadores muitas vezes têm pouca experiência ou formação no manejo de jumentos e muito pouca compreensão do comportamento desses animais. Eles recorrem a métodos cruéis de manejo que são, em muitos casos, ilícitos e provocam sofrimento e angústia nos jumentos. Entre esses métodos estão chutes, arrastos e o uso de uma vara perfurante chamada aguilhão.

The Donkey Sanctuary obteve provas do uso generalizado dessas práticas, incluindo:

- Gravação em vídeo obtidas no abatedouro Bo Chang Group em Francistown, Botswana, mostrando jumentos sendo puxados dos caminhões pelo rabo e pelas orelhas.
- Gravação em vídeo no abatedouro Shinyanga, na Tanzânia, obtida pela SPANA no início de 2019, mostrando jumentos sendo espancados repetidamente e puxados pelo abatedouro, inclusive por cima de catracas, com correntes em volta do pescoço. The Donkey Sanctuary havia obtido uma gravação semelhante apenas dois meses antes.

Dezenas de milhares de jumentos são transportados regularmente por longas distâncias até o seu destino, onde são abatidos. The Donkey Sanctuary testemunhou e recebeu vários relatos de jumentos sendo carregados em caminhões lotados para enfrentarem viagens longas, às vezes atravessando vários países, sem comida, água ou descanso durante todo o trajeto.

Animais doentes, feridos ou no último estágio de gestação são todos transportados, apesar das recomendações contra essa prática por parte de diretrizes internacionais. As fêmeas transportadas no estágio final de gestação muitas vezes dão à luz durante o transporte ou ao chegar ao abatedouro. Em muitas dessas ocorrências, as fêmeas são abatidas e os filhotes são deixados para morrer ou abatidos com um machado.

Essas práticas de transporte e manejo são desastrosas para a saúde e o bem-estar dos jumentos:



- o funcionário de um abatedouro no Zimbabwe revelou que cerca de 25 jumentos haviam sido encontrados mortos por esmagamento em diferentes lotes descarregados no abatedouro.²²
- No Brasil, um motorista de caminhão foi visto despejando no acostamento jumentos que haviam morrido durante o transporte. Em outros locais esses jumentos mortos também seriam esfolados, mas nos abatedouros brasileiros é proibido receber animais mortos devido aos riscos de transmissão de doenças. Outro motorista do Brasil confirmou que enfrenta regularmente oito a dez dias de viagem transportando aproximadamente 50 jumentos de cada vez. O caminhão que transporta esses jumentos não tem palha ou nenhum outro tipo de forração para proteger os jumentos ou oferecer algum conforto. Há somente pequenas aberturas para a passagem de ar e luz, o que significa que no interior do veículo os animais são expostos a um calor sufocante. Os jumentos não têm acesso a água ou comida durante a viagem.
- O transporte na Tanzânia pode levar até 15 horas em carretas tipo plataforma, e quando um jumento tomba devido a exaustão ou sede, é muitas vezes pisoteado pelos outros jumentos, que lutam para permanecerem eretos. Membros quebrados são frequentes. The Donkey Sanctuary já encontrou cascos e parte inferior dos membros quebrados no chão dos centros de descarregamento, inclusive pequenos o suficiente para terem pertencido a filhotes.
- Na África Ocidental, os jumentos podem ser transportados durante dias a pé, atravessando áreas quentes e semiáridas, inclusive através de fronteiras internacionais. Com frequência jumentos em péssimas condições de saúde, mancos, prenhes ou desnutridos, são obrigados a enfrentar jornadas para as quais não estão aptos. Durante essas viagens, os jumentos debilitados que não conseguem acompanhar o ritmo podem ser deixados para trás para morrer ou podem contrair doenças infecciosas. Essas doenças representam um risco para qualquer população animal presente na rota percorrida.

© Imagem cortesia da Tanzania Humane Charity

Esse tratamento, terrível e muitas vezes ilícito, não afeta externamente a qualidade da pele fornecida para o mercado. Apesar do imenso sofrimento que provocam nos jumentos, os ossos quebrados e os membros rompidos não interferem no produto final. Sendo assim, não há incentivos para que os jumentos do mercado de peles sejam tratados de forma humanitária.

As diretrizes da OIE para o transporte terrestre de animais contêm instruções claras para garantir o transporte seguro e humanitário dos animais.



Um jumento queniano aguarda seu destino enquanto peles secam no chão e carcaças se acumulam

Muitos países onde há transporte de jumentos são signatários dessas diretrizes. Apesar disso, violações graves e repetidas dessas diretrizes ocorrem com frequência ao longo do processo de comercialização. Os animais são selecionados, transportados e manejados de maneiras que infringem diretamente as diretrizes da OIE, ameaçando seriamente o bem-estar do animal e aumentando os riscos de disseminação de doenças. As violações estão detalhadas na publicação *Sob a pele: instruções suplementares atualizadas – diretrizes da OIE*.

CONTENÇÃO

Com a estipulação de metas diárias de abate nos abatedouros, muitos jumentos, após longas jornadas, são mantidos em currais por vários dias sem acesso a água, comida, abrigo ou cuidados veterinários. The Donkey Sanctuary testemunhou essas condições desumanas na Tanzânia, Botswana, Zimbábue, Quênia e Brasil, mas a prática é ainda mais disseminada.

- Em Bulawayo, no Zimbábue, 105 jumentos foram encontrados em condições terríveis em um confinamento enquanto aguardavam

o abate. Muitos estavam esqueléticos e apresentavam lesões graves, incluindo membros quebrados e grandes feridas abertas. Alguns desses jumentos foram levados pela SPANA, mas 78 tiveram que ser eutanasiados.

- As condições testemunhadas nos currais do abatedouro Naivasha no Quênia em 2017 levaram ao seu fechamento imediato. Uma gravação em vídeo mostrou jumentos mortos e agonizantes, alguns com feridas abertas infestadas de larvas; também foram encontrados fetos abortados. Carcaças esfoladas estavam amontoadas em currais junto aos jumentos que aguardavam o abate.
- No Brasil, no estado da Bahia, mais de 700 jumentos, a maioria abaixo do peso e alguns gravemente desnutridos, foram encontrados em currais junto a centenas de carcaças. Não havia comida disponível e a única fonte de água estava poluída pelas carcaças que apodreciam em uma área próxima, colocando os jumentos remanescentes em risco de contrair uma doença infecciosa ou de ficar gravemente desidratados. Antes de serem colocados em currais superlotados, esses jumentos haviam

atravessado enormes distâncias em caminhões apertados, expostos a um calor sufocante, sem comida ou água. O estresse da viagem e a falta de comida e água ao chegar foram responsáveis pelo enorme número de animais mortos e agonizantes.

- Na África do Sul, 70 jumentos foram encontrados esfomeados e sem comida nem água, muitos deles deitados na lama, fracos demais para ficarem de pé. Mais 10 jumentos foram encontrados mortos. Segundo a inspetora da SPCA sul-africana, Reinet Meyer, os jumentos haviam começado a comer lixo levados pelo desespero: muitos estavam infectados com herpes e muitas fêmeas haviam abortado devido ao estresse. “Encontramos pelo menos 19 fetos, mas não foi possível contar com precisão, pois eram pequenos e muitos já estavam em decomposição”, disse ela.²³ Os jumentos não puderam ser salvos e foram eutanasiados no dia seguinte.

ABATE

Os animais são abatidos, geralmente de maneira brutal, diante dos outros jumentos, o que aumenta o estresse dos que aguardam o abate. Essa situação foi observada pela equipe da The Donkey Sanctuary no abatedouro Naivasha no Quênia e na gravação em vídeo obtida no abatedouro Shinyanga na Tanzânia. Fotografias e gravações dos abatedouros mais informais da África Ocidental sugerem que essa prática é comum.

A insensibilização antes do abate é uma técnica elaborada para deixar o animal inconsciente antes de ser abatido. Quando usada da forma correta, essa prática diminui o sofrimento que o animal vivencia durante o abate. No entanto, quando ela não é utilizada, ou quando é feita da forma errada, o animal a ser abatido pode sentir dor e medo acentuados.

Uma gravação em vídeo realizada no abatedouro Shinyanga em 2019 mostra tentativas de insensibilização malsucedidas e feitas da maneira errada, o que significa que os jumentos provavelmente estavam conscientes no momento do abate. Essa gravação mostra mais de uma ocasião em que os trabalhadores fizeram várias tentativas inúteis de insensibilizar os jumentos. Os jumentos que observamos foram atingidos na cabeça com um martelo, em uma tentativa de deixá-los inconscientes antes do abate. As investidas foram infrutíferas devido à falta de experiência e ao emprego de equipamento inadequado. Esses jumentos demonstraram medo e sofrimento extremos, e podem ser vistos lutando por suas vidas. O sofrimento vivenciado

pelos jumentos é piorado pelo fato de que eles são presos por uma corrente de contenção em volta do pescoço enquanto são atingidos na cabeça, o que os deixa completamente rendidos e incapazes de escapar dos golpes consecutivos.

O abate também acontece fora dos abatedouros registrados. Jumentos roubados são imobilizados de várias maneiras, como por meio de golpes na cabeça, antes de terem suas gargantas cortadas. Esses métodos de insensibilização são geralmente ineficazes, e os jumentos podem ainda estar conscientes enquanto são abatidos. O chamado “bush slaughter” (“abate no mato” em tradução livre) é frequente tanto nos países onde o comércio de peles é legalizado como nos países onde não é.

E esse abate, geralmente realizado nas condições mais hediondas, ocorre em uma escala alarmante. Na Nigéria, entre 2.500 e 4.000 jumentos estavam supostamente sendo abatidos em dias úteis no mercado Nkwo Jakki, totalizando entre 650.000 e mais de um milhão de jumentos por ano.²⁴ O índice combinado de abates nos quatro abatedouros quenianos era de 1.512 por dia útil, ou mais de 390.000 por ano, no período de 2017/2018.²⁵ Os quatro abatedouros conhecidos no estado da Bahia, no Brasil, matavam 600 a 800 jumentos por dia, ou 156.000 a 208.000 por ano.²⁶

Quando esse grande total de 1,6 milhão de jumentos é acrescentado às operações em abatedouros menores (na Tanzânia e na África do Sul, por exemplo), em países em que existe um comércio legal mas não há dados de exportação confiáveis (Mauritânia, México, Peru e Egito, por exemplo), e em países onde ocorre abate clandestino (Ghana²⁷ e Etiópia, por exemplo), o número de jumentos abatidos por ano fora da China pode facilmente chegar a 2,8 milhões ou mais.

IMPACTO SOBRE OS JUMENTOS REMANESCENTES

O roubo de jumentos em uma comunidade afeta não somente os animais roubados e as comunidades em si, mas também coloca os jumentos remanescentes sob mais pressão. Quando os jumentos são removidos das comunidades, a carga diária de trabalho recai sobre cada vez menos jumentos, que passam mais horas trabalhando e carregando cargas mais pesadas, dispendo de menos tempo para descanso, água ou comida. Esses jumentos ainda correm risco de serem roubados – e o risco aumenta à medida que diminui o suprimento de jumentos disponíveis para o mercado de peles.

MEIOS DE SUBSISTÊNCIA

Milhões de pessoas no mundo inteiro dependem de jumentos para sua subsistência, e conforme aumenta a demanda por pele de jumento, as comunidades vulneráveis se tornam vítimas do comércio internacional de pele. Se os índices atuais de abate de jumentos continuar, o impacto sobre as populações mundiais de jumentos pode ser catastrófico e fazer com que centenas de milhões de pessoas percam seus meios de subsistência – ou parte deles.

Segundo pesquisas realizadas na Universidade de Bristol sobre o valor socioeconômico dos jumentos na Etiópia, esses animais são os maiores colaboradores para o sustento de pessoas, tanto em áreas rurais quanto urbanas.²⁸ Eles oferecem caminhos para que essas pessoas saiam de uma vida de pobreza e podem representar a diferença entre uma vida miserável e uma subsistência modesta. Isso especialmente verdadeiro para mulheres, que geralmente dependem muito dos jumentos para realizarem suas tarefas diárias. Eles proporcionam transporte para geração de renda e para deslocamento até escolas, mercados e clínicas de saúde. Eles também possibilitam que as pessoas ganhem dinheiro e invistam em poupanças comunitárias e empréstimos, contribuindo para o fortalecimento da economia dentro das suas comunidades.

Os proprietários descrevem a importância e o valor que os jumentos agregam às suas próprias vidas e às suas comunidades: “Esse jumento me tirou de uma situação de pobreza extrema”, diz um participante do estudo. “Houve um tempo em que minha família não conseguia fazer duas refeições por dia, mas agora minha família e eu conseguimos obter comida suficiente. Graças ao meu jumento, minha vida melhorou.” Todos os proprietários participantes do estudo relataram que estariam vivendo em situação de extrema pobreza sem os seus jumentos.

Mais de 90% dos participantes afirmaram que conseguiram economizar dinheiro por causa da renda que geraram ao trabalhar com seus jumentos. Mas essa renda não é importante somente para sua subsistência: ela também desempenha uma função social e garante status e aceitação dentro das comunidades. Através dos jumentos, os proprietários alcançam uma posição de colaborador e desfrutam de algum poder decisório na sociedade rural.

Nessas vilas, a renda é obtida por meio de trocas, e as pessoas usam jumentos para transportar lenha e grãos para trocar com vizinhos e em vilas próximas e mercados. Os jumentos também ajudam os proprietários de animais de produção a criar e vender seus animais, pois carregam água,

alimentos e materiais de construção. Eles também transportam animais doentes, puxando-os em carroças até as clínicas veterinárias.

Os proprietários de jumentos expressam uma profunda dependência em seus jumentos. “O jumento mudou a minha vida. Eu era pobre e agora minha vida melhorou”, disse um participante do estudo.

Mas essa dependência deixa os proprietários de jumentos vulneráveis, e a perda ou o roubo de um jumento pode ter um impacto imediato e debilitante sobre a família.

À medida que o mercado global de pele eleva continuamente o preço dos jumentos, a substituição de um jumento perdido ou roubado se torna impossível para vários proprietários.

Os proprietários de jumentos no Quênia protestaram contra o licenciamento de abatedouros, pois temem que os crescentes roubos de jumentos tenham levado a uma redução contínua no número de animais, e assim eles podem perder seu meio de subsistência se não forem aplicadas medidas imediatas.²⁹

Os proprietários de jumentos quenianos recorreram a atitudes extremas para protegerem seus jumentos.

- Habitante da periferia de Nairóbi, Lilian usa seu jumento para carregar água, levar hortaliças para o mercado e transportar cimento em troca de dinheiro. Seu primeiro jumento foi roubado, privando-a da sua única fonte de renda e forçando-a a fazer um empréstimo para comprar um novo animal. Como ela não tem o dinheiro necessário para construir uma estrutura que abrigue o jumento durante a noite, ela o amarra junto à janela de seu quarto para poder ouvir qualquer distúrbio. Lilian sabe que sua subsistência ainda está em risco por causa do mercado de peles e quer que os abatedouros quenianos sejam fechados.
- Richard, que também mora na periferia de Nairóbi, já teve quatro jumentos roubados nos últimos dois anos. Ele comprou um quinto



O meio de subsistência de Lilian está em risco devido ao mercado de peles

jumento para poder continuar a transportar água, cimento e produtos para o mercado, mas o preço foi alto. Richard não pode perder mais esse jumento para o mercado de peles, e construiu um galpão para abrigá-lo durante a noite. Ele tem tanto medo de outro roubo que usa um cadeado para prender o jumento.

- Jefferson mora em Naivasha, onde funciona um dos quatro abatedouros do Quênia, e também já foi vítima de ladrões de jumentos quatro vezes. Sempre que ele substituiu o jumento roubado, o novo jumento também era levado. Ele agora se juntou a outros proprietários de jumentos, e eles se revezam para vigiar os animais durante a noite. Eles também tiveram que construir abrigos temporários e pagar seguranças para vigiarem os jumentos. Essa é uma despesa com a qual Jefferson não pode arcar, mas é a única maneira de proteger seu jumento contra os ladrões. “Dependo do meu jumento para atender a todas as minhas necessidades diárias, portanto cuido muito bem dele”, disse Jefferson. “Eu ficaria muito feliz se o abatedouro pudesse ser fechado hoje.”

Essas histórias se espalham pela África enquanto a demanda implacável por peles de jumentos exerce uma pressão enorme sobre as pessoas mais vulneráveis.

Quando os jumentos são vendidos para o mercado global de peles, cada vez menos proprietários têm condições de substituí-los. Segundo a publicação *The Invisible Workers* da organização de bem-estar equino Brooke, o valor econômico líquido de um equídeo de trabalho no Quênia é de até US\$ 2.272 por ano, ou até US\$ 40.000 em uma vida útil de 20 anos como animal de trabalho.³⁰ Uma pele de jumento vendida no Quênia pode render até US\$ 130, um valor menor que o valor obtido em um mês como animal de trabalho. A dimensão do problema mostra que milhões de dólares estão sendo extraídos de economias rurais todos os anos.



Estudo de caso: Yasso, Mali

Em 23 de abril de 2016, os habitantes de Yasso, uma pequena vila ao sul de Mali na fronteira com Burkina Faso, lançaram um apelo por medidas contra o tráfico de jumentos. Membros da comunidade testemunharam um crescimento repentino no comércio de jumentos na região, com os números no mercado semanal subindo de aproximadamente 50 para mais de 10.000 jumentos vendidos.

Eles também viram centenas de jovens abandonarem o trabalho necessário de preparação para o inverno em busca de dinheiro rápido, indo comprar jumentos nas cidades de Niono e Nara e levando-os a pé até Yasso, uma viagem de aproximadamente quatro dias. Os jumentos são abatidos ao chegar e suas peles são vendidas para a indústria do ejiao. Os jumentos são comprados por preços que variam de US\$ 26 e US\$ 43 (aproximadamente) nas cidades e a pele é vendida por valores entre US\$ 52 e US\$ 57.

“Não estamos indiferentes ao enorme benefício econômico que a exploração de recursos locais pode proporcionar”, disse Etienne Kamate, em nome de sua comunidade. “Nossa região precisa muito se desenvolver, mas se analisarmos a concepção atual de desenvolvimento – que enfatiza a preocupação com o futuro e o respeito pelo meio ambiente – e traçarmos uma relação com a exploração dos jumentos, a situação se torna preocupante. Nem todos os meios de se obter riqueza são bons.”

“Acreditamos que o comércio atual de jumentos não respeita o futuro ou o meio ambiente”, disse Etienne. “O avanço do tráfico de jumentos em Mali em geral, e na comunidade rural de Yasso em particular, constitui uma exploração desorganizada de recursos locais e, se essa exploração continuar, as consequências serão desastrosas. O número de lares com jumentos irá diminuir e isso afetará a produção agrícola.”

“Toda uma geração de jovens está abandonando atividades rurais tradicionais para ingressar no mercado de peles, com alguns jovens vendendo seus bois para financiar a iniciativa, e isso reduz a mão-de-obra rural disponível”, completou ele.



Estudo de caso: Bulbulla, Etiópia

Na vila de Bulbulla na Etiópia, Margartu, de dez anos, e seu irmão mais velho Romia têm uma grande responsabilidade. Todos os dias eles coletam a água que sustentará a sua família e outras famílias da comunidade – uma tarefa que seria impossível sem a ajuda dos seus jumentos. Quando chegam da escola, pegam os jumentos e começam uma longa jornada até o ponto de água mais próximo. Juntamente com outras crianças locais, enchem grandes vasilhas amarelas com água limpa.

Depois de cheias, as vasilhas ficam encorpadas e pesadas. As crianças mal conseguem erguê-las, que dirá carregá-las.

Uma carroça puxada por um jumento é capaz de transportar 20 vasilhas de água em uma jornada, o suficiente para atender às necessidades da família de Margartu e Romia e de outras famílias da comunidade. Sem seus jumentos, eles não teriam como coletar a água de que essas famílias precisam para sobreviver.

Quando não estão carregando água, os jumentos e carroças são usados para transportar produtos agrícolas e ração animal, ajudando a família com sua principal fonte de renda. A renda adicional é obtida com o uso dos jumentos para transporte de pessoas, o que permite que a família participe de um esquema de poupança que traz benefícios sociais e financeiros.

Margartu e Romia reconhecem o valor de seus jumentos, mas também os respeitam e ajudam a cuidar deles diariamente. “Tenho muito carinho pelo jumento”, diz Margartu. “Ficaremos com ele para sempre e, quando ele ficar velho, não deixarei que carregue peso, mas continuarei cuidando dele.”

**“TENHO MUITO
CARINHO PELO
JUMENTO.
FICAREMOS COM
ELE PARA SEMPRE”**
Margartu



MULHERES

Os jumentos de trabalho na África são fundamentais para aliviar o fardo das mulheres, permitindo que elas desfrutem de mais tempo para cuidar dos seus filhos e das suas famílias. As mulheres que precisam carregar lenha e água nas costas ou na cabeça muitas vezes são forçadas a deixar seus filhos pequenos em casa ou carregá-los junto com o resto. Um jumento alivia muito esse fardo, pois transporta a água ou a lenha, permitindo que a mulher leve seu filho pequeno nas costas e continue amamentando-o e cuidando dele.

“Antes de comprar esse jumento eu sofria muito carregando tudo na cabeça enquanto levava o bebê nas costas”, disse uma participante do estudo da Universidade de Bristol. “Ele divide a carga comigo. Quando eu estava grávida, meu jumento carregava todos os meus produtos para o mercado e trazia de volta”, disse outra mulher.

Quando os jumentos são roubados, geralmente são as mulheres que são forçadas a fazer o trabalho realizado anteriormente pelos animais ou, como acontece em Ghana, as meninas têm que deixar a escola para assumir essas tarefas.



“SE NÃO HOVER JUMENTOS, NÃO HAVERÁ COMUNIDADE”

Samuna



Estudo de caso: Mulheres etíopes e jumentos – uma parceria sólida

- Samuna, habitante da vila de Harabafata, perdeu o marido há 10 anos e sustenta sozinha seus oito filhos criando gado, ovelhas e cabras. Seus três jumentos a ajudam a transportar produtos para o mercado e coletar a água indispensável para sua família, vizinhos e rebanhos. Samuna disse: “Se não houver jumentos, não haverá comunidade. Os jumentos são meu braço direito. Meu jumento não me deixa na mão – ele vai comigo para todo o canto, e me ajuda em tudo.”
- Na vila de Godino, Mekdes sustenta as 10 pessoas da sua família cultivando hortaliças. Eles dependem dos jumentos para coletar água e levar seus produtos para os mercados locais, pois não há estradas. Com a ajuda do jumento, Mekdes conseguiu mais tempo para se dedicar à família. “Quando as crianças chegam da escola, posso passar um tempo com elas e ajudar com os estudos à noite”, disse ela. “Tenho tempo para tarefas domésticas como limpeza, lavagem de roupas, cozinha e até mesmo para descanso.”
- Muitas mulheres, como Ayelech, aplicam o dinheiro que ganham com os jumentos em um esquema de poupança. “Seria difícil participar do esquema sem a renda extra que os jumentos proporcionam”, disse ela. “Por causa do esquema de poupança, pude comprar uma vaca e uso o leite para alimentar minha família e também para vender e ganhar mais dinheiro.” Ayelech é muito grata ao seu jumento: “Quando o jumento ficar velho, nós o aposentaremos”, disse ela. “Não podemos matá-lo; ele nos ajuda há muitos anos e, quando ele não conseguir mais, precisamos retribuir.”
- Em dia de mercado em Jido, a carroça e os jumentos de Workite fornecem transporte para 10 pessoas. A jornada da casa de Workite até o mercado leva duas horas, atravessando um terreno acidentado pelo qual pouquíssimos veículos conseguem passar. Ela também usa seus jumentos na colheita das safras, para coleta de água e no transporte de grãos para a moenda. “Amo meus jumentos”, disse Workite (na outra foto), “e tenho orgulho do meu trabalho”.

MEIO AMBIENTE

As práticas de descarte de resíduos ligadas ao abate de jumentos para o mercado global de peles são notavelmente degradantes para o meio ambiente. Como a pele é de longe a parte mais valiosa dos jumentos abatidos nesse mercado, em geral há pouquíssimo incentivo para o aproveitamento do restante das carcaças, embora isso varie de um abatedouro para outro.

Muitos estabelecimentos não cumprem as normas de descarte de resíduos de abatedouros.

- Quênia: o abatedouro Goldox, no condado de Baringo, no Quênia, foi fechado em novembro de 2017 devido a sistemas inadequados de gestão de resíduos e à implantação de uma cova clandestina. O Secretário do National Environmental Complaints Committee (Comitê Nacional de Queixas Ambientais, em tradução livre) do Quênia, John Chumo, disse na ocasião que o Goldox não havia concluído a avaliação de impacto ambiental nem se reunido com os residentes locais. Isaac Rutto, funcionário de saúde pública do condado de Baringo, afirmou que a empresa nunca chegou a atender às condições exigidas para descarte de resíduos.³¹ Um mês antes do fechamento, The Donkey Sanctuary visitou um sítio próximo ao abatedouro. O local estava identificado como centro de criação de jumentos. Contudo, após investigações, a equipe da The Donkey Sanctuary encontrou uma enorme instalação para descarte de resíduos, onde resíduos indesejados provenientes do abatedouro eram despejados diariamente em imensas valas. Evans Kiprop, um agricultor que morava a poucos metros do local, afirmou que suas vacas adoeceram devido à poluição, e que a produção de leite havia caído para um pouco mais de um quarto da produção usual. Ele estava apreensivo quanto aos cães

selvagens e abutres que frequentam o terreno onde as carcaças de jumentos são descartadas e as arrastam para áreas onde crianças brincam, suscitando preocupações em relação à segurança, saneamento e hidrofobia (raiva). “Eles estão transformando nossa vila em uma grande lixeira”, disse outro vizinho, Koros Kipkoech, “não queremos comer ou dormir aqui”.

- Botswana: em junho de 2017, pessoas que moravam próximas ao abatedouro Bo Chang na cidade de Francistown, Botswana, começaram a sentir cheiro de carne podre, que estava atraindo um número crescente de abutres. Alertada por uma denúncia anônima, uma força-tarefa interministerial invadiu o centro e encontrou 452 jumentos debilitados confinados em currais, aguardando o abate.³² Centenas de carcaças em decomposição foram encontradas amontoadas em valas improvisadas, com líquido escorrendo para dentro do rio Tati, a tábua de salvação da cidade de Francistown e das pessoas que moram rio abaixo. A maior parte dos jumentos encontrados no centro foi eutanasiada por razões de bem-estar animal. Em 28 de junho de 2017, o governo suspendeu todas as licenças para abate e exportação de jumentos.³³ Um dos três funcionários chineses, um homem de 24 anos, foi multado em 50 pulas (US\$ 4,65) por crueldade animal.³⁴
- Tanzânia: em novembro de 2018, o Conselho Nacional de Gestão Ambiental fechou o



abatedouro Huacheng na cidade de Dodoma, capital da Tanzânia, devido a várias infrações à Lei de Gestão Ambiental, inclusive a ausência de planos de gestão ambiental e a obstrução dos sistemas de drenagem. Huacheng foi multado em 30 milhões de xelins tanzanianos (US\$ 13.000). No ano anterior, a empresa havia sido multada em 300 milhões de xelins tanzanianos (US\$ 128.000) por não cumprimento das regulamentações ambientais,

colocando em risco a saúde dos residentes. Mais cedo, no mesmo ano, as autoridades ordenaram o fechamento imediato do abatedouro Fang Hua, na cidade de Shinyanga, por não proteger o meio ambiente. Na fábrica, o Ministro de Estado adjunto, Kangi Lugola, afirmou que a gestão não havia destruído os ossos, a carne e outros produtos remanescentes do abate de jumentos, levando à dispersão de resíduos sólidos.

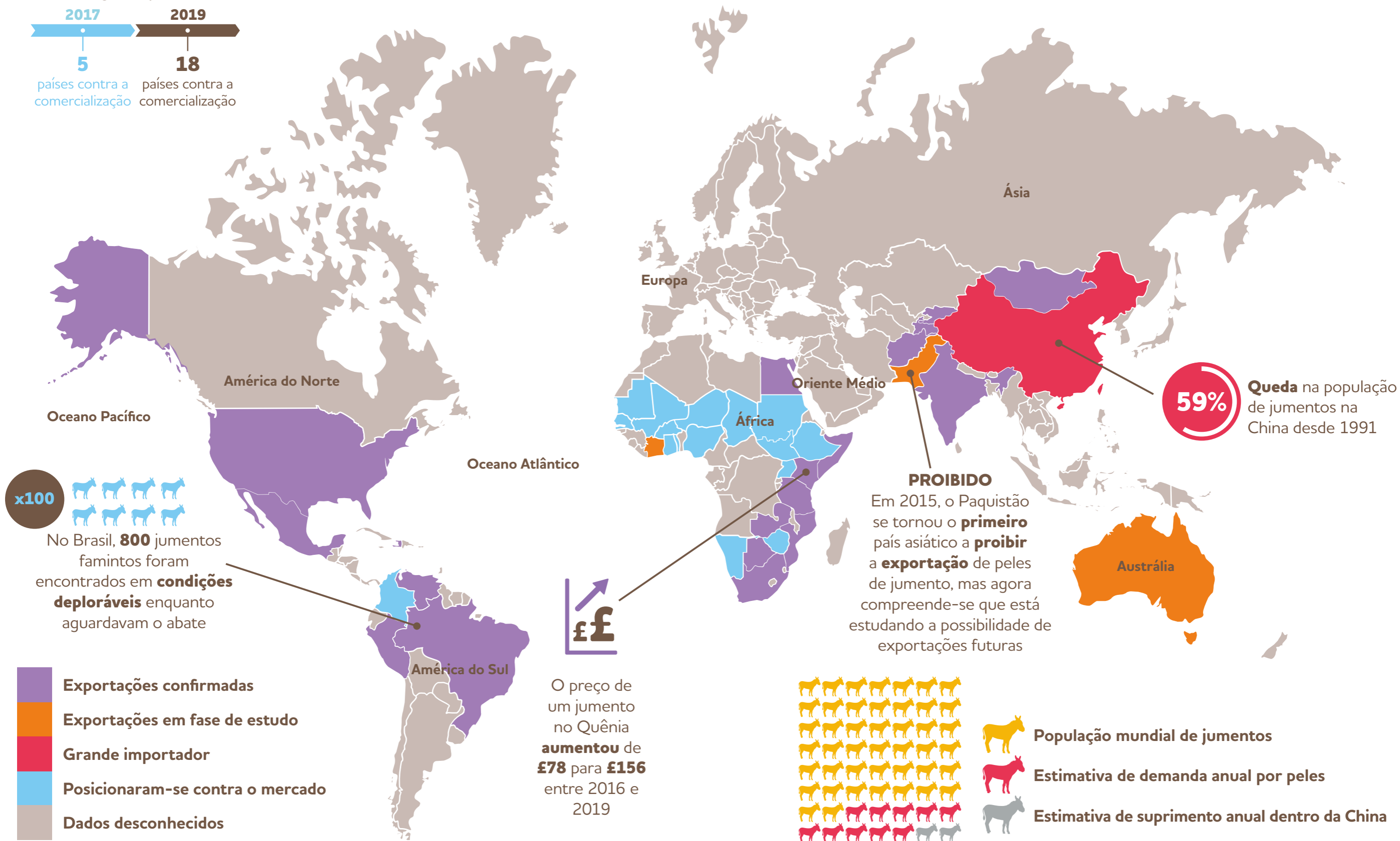


“SE VOCÊ NÃO TIVER
UM JUMENTO, O
JUMENTO É VOCÊ”
provérbio etíope



PANORAMA DO MERCADO DE PELES: UMA AMEAÇA GLOBAL AO BEM-ESTAR DOS JUMENTOS

Comércio geral para a China



COMÉRCIO ILEGAL

Uma grande parte do comércio de jumentos vivos não é regulada, e uma boa parte dele é feita de forma clandestina. Em muitos países onde a comercialização de peles é ilegal, o tráfico e o abate de jumentos continua frequente. Países como Mali, Burkina Faso e Ghana já se posicionaram contra a comercialização, proibindo o abate de jumentos e a exportação de peles. Mas dezenas de milhares de jumentos ainda estão sendo traficados anualmente através da fronteira aberta do Mali, passando por Burkina Faso e chegando a Ghana para o abate. A intervenção por parte das autoridades é mínima.

Apesar de Ghana ter proibido o abate de jumentos e a exportação de suas peles em 2017,³⁵ uma investigação recente financiada pela The Donkey Sanctuary descobriu que um abatedouro de jumentos na cidade de Walewale, o Blue Coast Trading Ltd., havia conseguido uma licença e estava prestes a ser reaberto. Ao falar com os investigadores, o gerente chinês do estabelecimento disse: “Já resolvemos os problemas com a documentação e renovamos o alvará do abatedouro. Como vocês podem ver, os alicerces estão prontos, o cascalho e os tijolos já foram entregues e os pedreiros estarão aqui amanhã. Esperamos reabrir na primeira ou segunda semana de maio.”³⁶

Mesmo nos locais em que a comercialização e o abate de jumentos são legalizados, The Donkey Sanctuary dispõe de inúmeras evidências de que as leis de bem-estar animal, proteção ambiental e controle de doenças são afrontadas repetidamente.

As provas hediondas obtidas no abatedouro Shinyanga, na Tanzânia, mostram inúmeras infrações às leis de bem-estar animal nacional e a outras leis, e ainda assim, em julho de 2019 a instalação renovou sua licença até o fim deste mesmo ano. O abatedouro foi inclusive acusado de impedir os funcionários do governo de inspecionarem as instalações, e de não cumprir ordens governamentais.³⁷



Jumentos aguardando o abate no abatedouro Shinyanga

Em julho de 2019, autoridades fecharam um abatedouro clandestino de jumentos na Costa do Marfim depois que uma inspeção das instalações revelou 10 jumentos aguardando o abate, juntamente com 25 quilos de carne de jumento. Quinze carcaças de jumento também foram apreendidas no local.³⁸

Até onde sabemos, as multas, quando aplicadas, são geralmente mínimas. A multa de US\$ 4,65 paga pelo gerente chinês do abatedouro Bo Chang em Botswana devida a acusações de crueldade animal, por exemplo, não representa um fator de dissuasão convincente.

Órgãos responsáveis pela aplicação da lei e veterinários de vários países, inclusive Brasil e Quênia, informaram à The Donkey Sanctuary que o comércio de peles cresceu tão rápido, tanto em tamanho quanto em complexidade, que sem uma nova legislação é impossível realizar um controle efetivo.

A comercialização enfraquece as medidas tomadas por governos locais para proteger seus rebanhos nacionais de jumentos. Em um evento em 2018 intitulado “Protecting Ethiopia’s national donkey herd” (Como proteger o rebanho nacional de jumentos da Etiópia, em tradução livre), organizado pelo governo da Etiópia e a The Donkey Sanctuary, um porta-voz da indústria do eijao afirmou que as peles vinham da Nigéria, Paquistão e Colômbia. Na ocasião, a exportação era proibida nesses três países.



Estudo de caso: África do Sul

O abate de jumentos e a exportação de suas peles é legalizado na África do Sul, mas limitado a 7.300 peles por ano. Segundo as regulamentações de segurança da carne, os jumentos devem ser abatidos em abatedouros aprovados. Dois dos três abatedouros em funcionamento foram fechados pelas autoridades por não atenderem às regulamentações. O abatedouro remanescente está autorizado a processar 20 jumentos por dia.

Apesar do limite anual aplicado sobre a exportação de peles de jumento, uma investigação policial sobre a exportadora Anatic Trading revelou que, entre julho de 2016 e maio de 2017, mais de 15.000 peles de jumento foram comercializadas. Esse número de peles comercializadas por apenas uma empresa em um período de oito meses representava mais que o dobro do limite nacional de exportação.³⁹





Estudo de caso: Tanzânia

A Lei de Bem-estar Animal da Tanzânia (Tanzanian Animal Welfare Act) (2008) e as Regulamentações para o Bem-estar (transporte) Animal (Animal Welfare (transportation) Regulations) (2010) incluem salvaguardas para animais durante o transporte e o abate. Além disso, leis como a Lei da Doença Animal (Animal Disease Act) (2003) e a Lei de Comercialização de Couro e Pele (Hides, Skins and Leather Trade Act) (2008) incluem disposições que especificam como os animais devem ser tratados durante o transporte, o manejo e o abate.

Contudo, as provas em vídeos e fotos coletadas no abatedouro Shinyanga em janeiro e maio de 2019 mostram a inobservância evidente e generalizada dessas leis.

Os jumentos são vistos chegando ao abatedouro fracos e feridos, e um deles morreu logo após ser descarregado. A gravação mostra jumentos sendo arrastados para fora do veículo pelas pernas e sendo baixados de uma altura elevada com uma corda em torno do abdome, apesar das exigências de que os animais não sejam transportados se estiverem fracos ou sofrendo excessivamente por motivos de doença ou lesão, por exemplo, e que sejam descarregados de maneira humanitária, evitando lesões e sofrimento. Além disso, os animais que adoecem durante o transporte têm direito a assistência veterinária, algo que certamente não foi oferecido aos jumentos que aparecem na gravação.

Um grande feto pode ser visto em meio às carcaças, evidenciando o descumprimento da exigência de não conceder licença para transporte caso haja possibilidade de o animal dar à luz durante o trajeto. A presença do feto também evidencia o descumprimento da proibição de abater uma fêmea prenhe, situação em que é improvável ocorrer exceções.

Quando é praticada a insensibilização antes do abate, o instrumento de insensibilização deve ser empregado com a cabeça do animal na posição correta, e deve produzir uma insensibilização imediata que dure até o

momento da morte. A gravação realizada no abatedouro Shinyanga mostra funcionários fazendo várias tentativas infrutíferas de insensibilização dos jumentos com o uso de martelos. Os animais demonstram medo e sofrimento extremos enquanto são golpeados repetidamente. Esse abate desumano acontece sob as vistas dos demais jumentos. Permitir que os animais testemunhem o abate vai de encontro às diretrizes da OIE e é provavelmente ilegal.

O processo cruel e ineficaz de insensibilização indica falha por parte da autoridade reguladora, responsável por efetuar inspeções periódicas dos instrumentos usados no abate de animais.

Há fotografias e vídeos de jumentos exibindo sinais visíveis de doença. Os animais doentes ou suspeitos de estarem doentes devem ser isolados e as autoridades reguladoras devem ser comunicadas. Se esses animais não estão doentes, mas sim feridos, isso constitui uma infração às regulamentações de transporte.

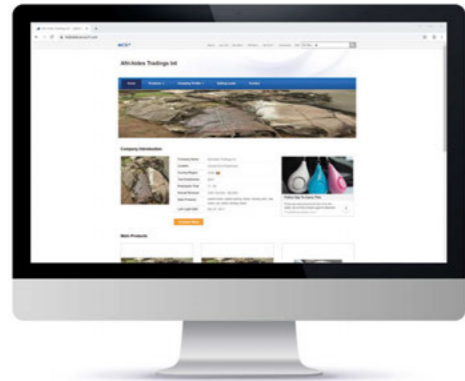
Há ainda provas da má gestão de resíduos e efluentes, em desacordo com os requisitos nacionais.

Apesar dessas evidências terem sido apresentadas pessoalmente pela The Donkey Sanctuary às autoridades, até o momento não foi tomada nenhuma medida repressiva. E o que é mais decepcionante é que, apesar das promessas feitas a nós, o abatedouro obteve uma nova licença para retomar suas atividades em julho de 2019.



LIGAÇÕES COM OUTRAS PRÁTICAS CRIMINOSAS

Há cada vez mais evidências correlacionando o mercado ilegal de pele de jumento a outras práticas criminosas que desestabilizam a segurança social e econômica de países vulneráveis.



Investigações conduzidas pela The Donkey Sanctuary revelaram que muitos comerciantes que oferecem pele de jumento em plataformas virtuais também oferecem produtos proibidos oriundos de animais selvagens como marfim, escamas de pangolim, chifres de rinoceronte e peles de tigre. A comercialização internacional desses produtos de animais selvagens é proibida de acordo com a Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens Ameaçadas de Extinção (Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora, CITES), e o vínculo estreito entre o comércio de pele de jumentos e essa atividade ilegal comprova o total descaso com as regulamentações internacionais e as leis locais.

Reportagens da mídia também correlacionam o mercado global de pele aos cartéis de drogas da América do Sul⁴⁰ e ao terrorismo no Afeganistão.⁴¹

IMPACTO DO MERCADO DE PELES

SUBSISTÊNCIA DE POPULAÇÕES VULNERÁVEIS • RISCO DE DOENÇAS • POLUIÇÃO • EXTINÇÃO DE POPULAÇÕES DE JUMENTOS SELVAGENS •

AMEAÇA A OUTROS ANIMAIS:

PELES DE TIGRE • CHIFRES DE RINOCERONTE • MARFIM • ESCAMAS DE PANGOLIM



Estudo de caso – África do Sul

Uma investigação realizada pela National Geographic em 2017 revelou conexões entre o comércio ilegal de animais selvagens e o mercado de pele de jumento na África do Sul. Ockie Fourie, capitão da Unidade de Roubo de Gado da polícia sulafricana, afirmou: “Além das questões relativas à crueldade animal, também receamos que essas peles possam ser usadas para esconder outros produtos.”⁴² Uma busca realizada em uma fazenda perto de Joanesburgo em maio de 2017 descobriu sete peles ensanguentadas de tigre escondidas em meio a 800 peles de jumento.

Também foram descobertas ligações entre o mercado de peles e o comércio ilegal de abalone, um marisco valioso muito apreciado em restaurantes asiáticos e cuja foto pode ser vista abaixo. Em uma conversa com um ex-comerciante, foi descoberto que os compradores de abalone estão ingressando no mercado de pele de jumento. Um comerciante disse: “Um comprador de abalone que conheço começou a comprar peles ano passado. Ele já esteve envolvido em tudo quanto é tipo de negócio, desde prostituição até a venda de pele de leopardo e pata de leão, mas pele de jumento é um negócio essencialmente legal. É realmente um dinheiro fácil.”



Abalone – muito apreciado em restaurantes asiáticos

BIOSSEGURANÇA

O mercado internacional de jumentos e peles, em grande parte não regulado e frequentemente ilegal, gera um risco significativo em termos de biossegurança para todos os países pelos quais os jumentos e seus produtos são transportados. A transmissão de doenças para a população mundial de jumentos e outros animais e também para seres humanos é uma enorme ameaça que exige medidas urgentes.

Os jumentos são hospedeiros silenciosos de várias doenças e muitas vezes não apresentam sinais de problemas de saúde, o que dificulta a distinção entre animais infectados e saudáveis se não forem realizados os exames adequados. Os jumentos raramente são submetidos a esses exames, permanecendo sem diagnóstico enquanto atravessam fronteiras. Essa movimentação de jumentos em grande escala, geralmente realizada de forma ilegal e com os animais submetidos a uma situação de estresse significativo, representa risco de infecção para todos os animais no entorno. Jumentos de comunidades vulneráveis que estão nas rotas comerciais correm risco de serem infectados com doenças transmitidas por jumentos que estão “de passagem”, não somente por contato direto mas também por meio de um vetor, como a mosca tsé-tsé.

A mistura de diferentes populações de jumentos que ocorre devido a esse transporte pode resultar na disseminação de doenças entre populações nativas. A doença é portada por um

jumento afetado e o estresse e a saúde debilitada decorrentes da viagem longa tornam o jumento mais passível de contrair infecções e muitas vezes de morrer. As mortes de jumentos em comunidades têm um impacto avassalador sobre a subsistência daquelas comunidades.

Em janeiro de 2019, houve relatos de doença que resultou na morte de um grande número de jumentos na África Ocidental. A Nigéria registrou 2929 casos de influenza equina no período entre 7 de janeiro e 5 de fevereiro. Quase 270 desses jumentos morreram e, em alguns casos, o índice de mortalidade de jumentos infectados foi de praticamente 40%. Embora a origem do surto seja desconhecida, suspeita-se que tenha sido consequência da “movimentação ilegal de animais”, em grande parte provenientes de um país vizinho.⁴³ Outros países mencionam uma variedade de sintomas e elevados índices de mortalidade, mas a doença de origem em si permanece sem diagnóstico. Segundo relatos, mais de 60.000 jumentos morreram na África Ocidental na



Um porco se alimenta em um carrinho-de-mão cheio de peles de jumento



primavera de 2019 no Hemisfério Norte. Essas mortes podem não ter resultado diretamente do mercado de peles; contudo, parecem ter ocorrido ao longo de rotas comerciais conhecidas de jumentos vivos. Perdas desse porte comprovam o potencial destruidor da disseminação de doenças em populações de jumentos e chamam a atenção para os riscos associados à movimentação de animais vivos através de fronteiras.

O abate indiscriminado de jumentos sem consideração pelo seu estado de saúde somado às condições anti-higiênicas do abate e do processamento das peles resultam em um risco elevado de contaminação das peles destinadas à produção de ejiao por agentes causadores de doenças. Essa contaminação pode ser decorrente do abate de um animal infectado, ou pode ter ocorrido durante o manuseio e o processamento.

O tratamento inadequado das peles diminui as chances de eliminação dos agentes infecciosos, e vetores infectados, como os insetos, também podem estar presentes no produto.

Quando as peles atravessam fronteiras, é preciso considerar a vulnerabilidade de todas as populações equinas, inclusive aquelas no país de destino. A China tem uma indústria de turfe próspera que pode estar exposta a agentes infecciosos transmitidos pelo comércio de jumentos e seus produtos. Surtos de doença equina africana, mormo, garrotilho ou influenza equina podem ser catastróficos para essa indústria importante.

As fazendas de criação de jumentos na China também correm risco de serem infectadas. A

infecção de um grande rebanho de jumentos criados em regime de pecuária intensiva pode resultar em uma escalada da doença devido ao contato próximo entre jumentos e à dificuldade em identificar os estágios iniciais da doença.

As peles também podem ser contaminadas por agentes infecciosos que provocam doenças em outras espécies animais. Elas podem ser facilmente contaminadas quando estiradas na terra para secar ao sol em países onde a peste suína africana é endêmica.

O mercado global de pele de jumentos também coloca pessoas em risco – uma ameaça que não pode ser ignorada. Muitas das doenças portadas por jumentos são zoonoses, ou seja, podem ser transmitidas para seres humanos. Essa transmissão pode ocorrer durante o manejo e o abate dos jumentos, e também durante o esfolamento e o processamento subsequentes. Raramente são aplicadas medidas de biossegurança adequadas ou equipamentos e procedimentos higiênicos durante esses processos, deixando as pessoas muito vulneráveis a contraírem doenças fatais como antraz, raiva e mormo, além de várias outras doenças infecciosas como brucelose, dermatomicose (“ringworm”) e estomatite vesicular.

Por vezes argumenta-se que a abertura de abatedouros legalizados pode representar um meio de controlar riscos como a disseminação de doenças. No entanto, essa prática não reduz necessariamente esses riscos, pois as inspeções ante mortem podem não ser realizadas, ou os inspetores podem não perceber infecções subclínicas ou doenças silenciosas. A redução dos



Estudo de caso: Mali

Mali tem um número elevado de jumentos de trabalho e foi um dos primeiros países a se posicionar contra o mercado de peles, proibindo o abate desses animais. Apesar disso, os jumentos continuam visados pelo mercado devido à relativa facilidade de contrabandeá-los para fora do país. Eles são roubados de comunidades e levados a pé para países vizinhos, incluindo Burkina Faso ao sul e Níger ao leste. Eles viajam através de extensas fronteiras que são geralmente apenas uma linha na areia, sem nenhum tipo de controle, com exceção dos movimentados pontos principais de entrada – que são facilmente evitados.

O diretor nacional da SPANA em Mali, Dr. Amadou Doumbia, afirmou: “Em apenas um dos grandes mercados de animais de Mali, 400 jumentos são trazidos para exportação todas as semanas. Há cinco outros mercados de tamanho semelhante em Mali. Os jumentos são todos comprados para o mercado de peles e algumas vezes para o consumo da carne. Isso não é sustentável em caráter semanal, esse número costumava ser entre 100 a 150 antigamente. As pessoas que vão ao mercado comprar um jumento de trabalho não conseguem mais, porque já foram vendidos.”⁴⁴

Segundo o Dr. Doumbia, os jumentos são oriundos da fronteira entre Mali e Burkina Faso, de vilas como Fangasso e Yasso, situadas perto da fronteira. “Os comerciantes obtêm os jumentos nesses locais e podem atravessar a fronteira facilmente com um grupo de 15 a 25 jumentos. Essa é apenas uma das maneiras de levá-los”, disse o Dr. Doumbia. “Há apenas dois ou três pontos de controle em toda a fronteira, assim o comércio ilegal prossegue. Este ano, o comércio está diminuindo aos poucos, pois houve uma queda na população de jumentos”, disse ele.

Os jumentos são levados a pé durante vários dias ao longo de “corredores” comerciais de países interiores (sem costa marítima) para países como Nigéria, Ghana e Costa do Marfim, onde são abatidos. Nesses países os abatedouros conseguem processar grandes números de jumentos, e a sua proximidade da costa permite um envio fácil à China.

Muitos países ao longo dessa rota comercial, inclusive Ghana e Nigéria, dispõem de políticas que proíbem o abate de jumentos para o mercado de peles; porém, como acontece com frequência no mercado global de peles, essas leis simplesmente não são cumpridas.

riscos também depende da aplicação de medidas higiênicas no abatedouro, controle rigoroso de biossegurança, rastreabilidade total e tratamento eficaz dos produtos. Sabe-se que nenhuma dessas práticas é observada em alguns dos abatedouros construídos para suprir o mercado de peles, e suspeita-se que tais práticas também não ocorram de maneira eficaz em outros estabelecimentos.

Além disso, a abertura de um abatedouro atrai o comércio de jumentos de grandes áreas de captação. Com isso, vários jumentos, geralmente em estado de saúde desconhecido, são transportados dentro do país e através de fronteiras nacionais até o abatedouro, aumentando a probabilidade de suprimento de jumentos doentes e o risco de disseminação de doenças.

A otimização das práticas de biossegurança e a melhor compreensão da epidemiologia de doenças

ajudaria na proteção contra a disseminação. A Coalizão Internacional para Equídeos de Trabalho (International Coalition for Working Equids) – uma aliança entre a Brooke, The Donkey Sanctuary, SPANA e a World Horse Welfare – produziu uma série de materiais educativos com base em melhores práticas de procedimentos de biossegurança. Esses materiais são oferecidos a países onde está ocorrendo disseminação de doenças entre suas populações equinas, especialmente quando as doenças estão sendo transmitidas através das fronteiras e podem ter um impacto avassalador em comunidades que dependem de jumentos para sua subsistência.

Contudo, embora as medidas de biossegurança sejam de grande ajuda, a única maneira de reduzir o risco de disseminação de doenças é garantindo que a movimentação de jumentos vivos e de seus produtos seja submetida a um controle rigoroso.



Pilhas de peles salgadas armazenadas no Quênia

FALTA DE RASTREABILIDADE

A natureza em grande parte ilegal e não regulada do mercado global de peles indica que há pouca rastreabilidade e responsabilização pelas regulamentações normalmente aplicadas para garantir a segurança de alimentos e produtos de saúde em nível mundial. Os jumentos correm risco de contrair e transmitir doenças durante sua jornada até o abate (que são geralmente longas) e raramente são submetidos à inspeção ante morte ou post morte para atestar seu estado de saúde. A higiene durante o abate dos jumentos e o processamento das peles é precária, e muitas vezes chega a ser inexistente. É pouco provável que a preservação e o armazenamento das peles sejam totalmente eficazes no controle de doenças e substâncias perigosas. Em muitos casos, também não atendem às regulamentações de segurança.

É alarmante a facilidade com a qual os produtos à base de eijiao podem ser contaminados por substâncias perigosas para a saúde humana. O risco de contaminação não chega a surpreender quando levamos em conta a forma não regulada, anti-higiênica e antiética em que as peles são produzidas.



OPOSIÇÃO AO COMÉRCIO

Há uma oposição crescente ao mercado global de pele de jumentos e um número também crescente de países visados pelo mercado que estão se posicionando contra ele. Esse número está em 18 atualmente, em três continentes, e seus apelos pela suspensão da comercialização são endossados por um número crescente de órgãos internacionais que perceberam os efeitos desastrosos desse mercado.

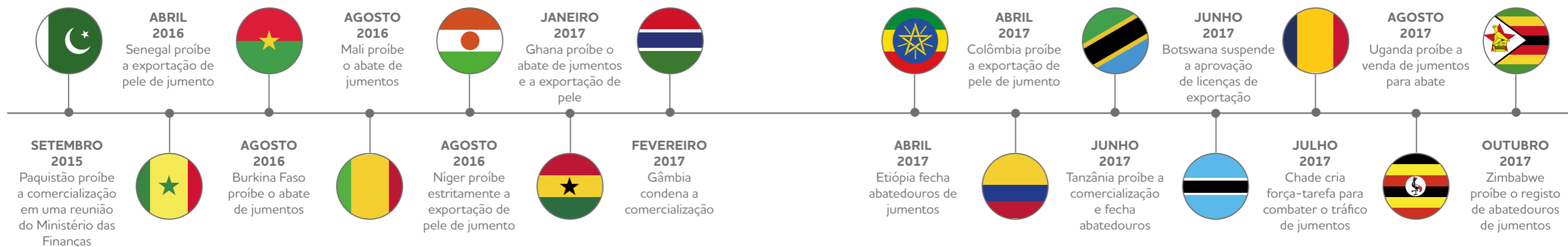
- A Associação Mundial de Medicina Veterinária (World Veterinary Association, WVA), o maior órgão de medicina veterinária do mundo, pediu a interrupção do comércio até que "...o impacto do comércio possa ser avaliado e que seja comprovado que ele é humanitário para os jumentos e sustentável para as comunidades que deles dependem. Os governos e as autoridades locais devem auxiliar as comunidades afetadas evitando o extermínio de jumentos por meio de proteção contra o comércio legal e ilegal." (WVA 2018)
- Em uma declaração conjunta, a Associação Americana de Medicina Veterinária (American Veterinary Medical Association, AVMA) e a Associação Americana de Praticantes de Atividades Equestres (American Association of Equine Practitioners, AAEP) descreveram o comércio como "uma indústria cruel que prejudica comunidades e ameaça a espécie em todo o mundo." (AVMA & AAEP 2018)⁴⁵
- O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente declarou: "A extração insustentável de um recurso, sejam jumentos, plantas, árvores ou minerais, pode produzir efeitos adversos no meio ambiente e em comunidades de terras distantes. No caso dos jumentos, uma modalidade de transporte versátil e neutra em carbono é subtraída de quem mais precisa de transporte em áreas rurais remotas." (UN Environment 2018)
- A OIE afirmou que a comercialização de produtos derivados de jumentos "aumentou recentemente, causando enormes impactos no meio rural, nas populações de jumentos, na saúde e bem-estar animal e no meio ambiente em todo o mundo." (Dr. Matthew Stone, Diretor Geral adjunto, OIE).
- Em dezembro de 2017, a plataforma eBay proibiu a venda de produtos à base de eijao no seu site quando revendedores publicaram declarações não comprovadas sobre a eficácia do produto.
- Em um seminário da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (Economic Community of West African States, ECOWAS) na cidade de Abuja, capital da Nigéria, realizado em 23 de setembro de 2016, os Diretores de Serviços Veterinários (Directors of Veterinary Services, DVS) de 14 dos 15 países da ECOWAS (a Gâmbia não participou) concordaram em adotar medidas para interromper o abate de jumentos e a exportação de carne, couro e pele de jumento, "pois o jumento está se tornando uma espécie em extinção".⁴⁶ O encontro também contou com a presença de representantes do Gabinete Interafricano dos Recursos Animais da União Africana (AU-IBAR), OIE e FAO, além do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e do Serviço de Inspeção Sanitária e Fitossanitária de Animais e Plantas (Animal and Plant Health Inspection Service, USDA-APHIS).
- A medidas a seguir foram tomadas pelos países da ECOWAS:
 - Burkina Faso proibiu o abate de jumentos em agosto de 2016, citando "superexploração

da espécie" e a necessidade de garantir números sustentáveis de jumentos.⁴⁷ Essa medida foi tomada depois que habitantes da vila de Balolé, enfurecidos com o mau cheiro e a poluição do ar, solo e água resultantes do abate de jumentos, saquearam um abatedouro administrado por um consórcio de empresários franceses e chineses.⁴⁸

- Gâmbia: Em fevereiro de 2017, o Departamento de Serviços Pecuários (Department of Livestock Services, DLS) da Gâmbia emitiu uma declaração conjunta com o Conselho de Turismo da Gâmbia, o Truste de Jumentos e Cavalos da Gâmbia e outras organizações de bem-estar animal, afirmando que: "O DLS não compactua de forma alguma com essa prática [o abate de jumentos para comercialização do couro e da carne] e, portanto, solicita que todos que tenham conhecimento de práticas de abate de jumentos notifiquem imediatamente o DLS ou a delegacia de polícia mais próxima."⁴⁹
- Ghana: A Diretoria de Serviços Veterinários de Ghana proibiu o abate de jumentos e a exportação das suas peles em janeiro de 2017. "A Diretoria de Serviços Veterinários de Ghana observou, alarmada, uma queda acentuada no número de jumentos, principalmente ao norte do país. Nesse ritmo, a população de jumentos provavelmente se extinguirá em dois ou três anos. A Diretoria decidiu, portanto, proibir, com efeito imediato, o abate indiscriminado de jumentos e a exportação de suas peles." (Dr. Kinsley Micky Aryee, Diretoria de Serviços Veterinários de Ghana, 17 de janeiro de 2017).
- Mali: A descoberta regular de práticas de abate clandestino se tornou cada vez mais preocupante e, no fim de 2016, o Ministério da Pecuária e Pesca tomou a decisão de proibir o abate de jumentos.⁵⁰
- O Níger "proibiu estritamente" a exportação de carne e pele de jumento em 2016, por

ordem do Ministério da Pecuária, do Interior e do Comércio e do Ministério das Finanças, com a declaração de um funcionário do governo de que "se a exportação continuar, os animais serão dizimados".⁵¹

- Nigéria: Um projeto de lei proibindo o abate e a exportação de jumentos, carcaças de jumentos e derivados a partir da Nigéria conta com imenso apoio de parlamentares, do Ministério da Agricultura, e de departamentos e funcionários do governo, incluindo o Diretor de Serviços Veterinários. "Apoiamos integralmente esse projeto de lei, pois observamos que, se não tomarmos providências, os jumentos serão extintos. Não queremos perdê-los." (Dr. O. Alabi, Ministério da Agricultura, Nigéria, maio de 2019).⁵²
- Senegal: Em abril de 2016, o governo do Senegal introduziu um regimento para regular o abate de jumentos e proibir a exportação de carne e couro de jumento.⁵³
- O governo de Botswana parou de emitir licenças de exportação relativas a jumentos e seus produtos e advertiu os proprietários de jumentos para que ficassem atentos contra roubos e comércio ilegal. "O Ministério do Desenvolvimento Agrário e Segurança Alimentar observou com preocupação o abate cruel e indiscriminado de jumentos para comercialização de seu couro, que é exportado para mercados asiáticos lucrativos. O Ministério pede que os criadores fiquem atentos." (Ministério do Desenvolvimento Agrário e Segurança Alimentar, 27 de junho de 2017). Apesar dessas preocupações, o governo renovou a licença de um abatedouro em Francistown.
- O abate de jumentos na Bahia, Brasil, foi suspenso depois que 750 jumentos foram encontrados mortos e famintos, aguardando o abate. "O estado da Bahia insere-se no rol de estados com registros de graves zoonoses nos rebanhos de equino e bovino e, vez por outra,



com focos de epidemia. Há um histórico de falta de fiscalização com comprometimento do rebanho, afetando, com isso, a imagem de nosso povo, a qualidade do nosso rebanho, em inegável – e legítima – desvalorização de nossa identidade e economia”, afirmou a juíza Arali Maciel Duarte, da 1ª Vara Federal, Salvador, Brasil, em dezembro de 2018.⁵⁴ A liminar foi cassada em setembro de 2019.⁵⁵

- República do Chade: Em julho de 2017, a polícia descobriu uma rede de tráfico de jumentos depois que dois contêineres contendo quase 300 jumentos – muitos mortos ou morrendo por asfixia – foram recuperados em Etena. Quarenta outros animais já haviam sido esfolados no local.⁵⁶ O Diretor de Serviços Veterinários confirmou que o governo atribui uma grande importância à “erradicação” do comércio e instituiu um comitê para deter o aumento de incidentes. (julho de 2017)
- Colômbia: O governo proibiu a exportação de pele de jumentos após relatos de jumentos esfolados vivos e transportados sem licença, riscos à saúde e roubos de jumentos.⁵⁷
- Etiópia: As autoridades ordenaram o fechamento de dois abatedouros em 2017, e declararam que não seriam aprovados novos abatedouros. A Comissão de Investimentos da Etiópia afirmou: “Não permitimos mais esse tipo de investimento. Ele não está alinhado com valores sociais e culturais.”⁵⁸
- Paquistão: No início de 2019, a divisão de Desenvolvimento da Produção Animal da província de Khyber Pakhtunkhwa anunciou planos de “criar” e exportar 80.000 peles de jumento para a China em um período de três anos.⁵⁹ Os planos foram adiados devido a preocupações com a possibilidade da inclusão da carne de jumento na cadeia alimentar.⁶⁰ Contudo, em setembro de 2019, os planos de exportação de jumentos voltaram a receber apoio.⁶¹

- Namíbia: As propostas de abertura de dois abatedouros nos municípios de Outjo e Okahandja foram negadas depois que várias avaliações de impacto ambiental exigidas por lei determinaram que haveria “graves impactos socioeconômicos em longo prazo”, principalmente para mulheres e crianças de comunidades carentes. A avaliação concluiu que “seria imprudente recomendar a aprovação do projeto antes de obter informações mais precisas.”⁶² As propostas de ambos abatedouros foram indeferidas.
- Sudão: O Diretor de Serviços Veterinários confirmou em setembro de 2018 que as leis de bem-estar animal do Sudão proíbem o funcionamento de abatedouros de jumentos, e as comunidades, religiões e cultura sudanesas apoiam essa proibição.⁶³
- Sudão do Sul: O Diretor de Serviços Veterinários confirmou em fevereiro de 2019 que o Sudão do Sul se posiciona contra o mercado e não se envolverá com o abate ou a exportação de jumentos para comercialização de peles.⁶⁴
- O governo da Tanzânia proibiu a comercialização e fechou abatedouros em 2017, citando a necessidade de “salvar os animais da extinção, considerando-se que nos últimos anos o ritmo com que os jumentos são abatidos não condiz com o número de jumentos disponíveis no país”. (Charles Tizeba, Ministro da Agricultura 2017). Com a mudança de liderança no Ministério da Agricultura, os abatedouros foram reabertos posteriormente em 2018.⁶⁵
- O governo de Uganda proibiu a venda de jumentos para abate, declarando que o crescimento acelerado do mercado de peles tem “consequências negativas para famílias carentes e para as mulheres e jovens que dependem de jumentos para o transporte de água, lenha e materiais de construção... nas áreas rurais do nordeste de Uganda, onde o terreno não

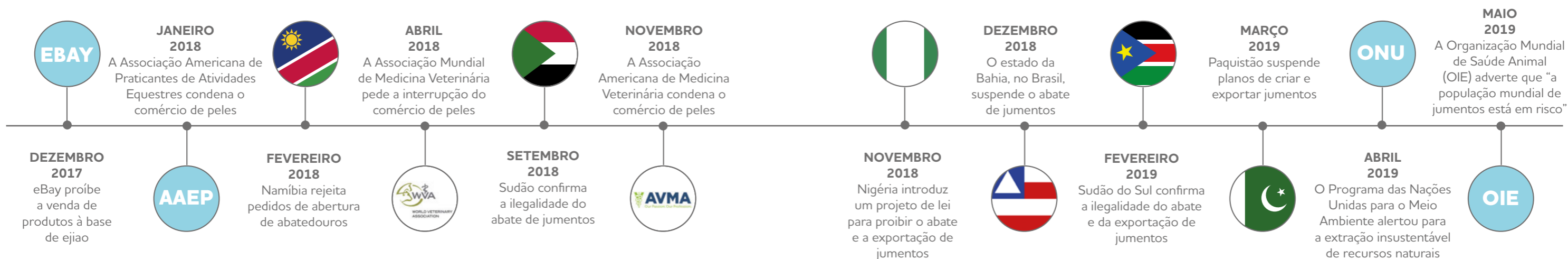
permite a circulação de outros meios de transporte. Essas medidas têm como objetivo proteger e preservar os jumentos em nome do bem-estar das comunidades que dependem desses animais.” (Ministério da Agricultura de Uganda, Indústria Animal e Pesca, 18 de agosto de 2017.)⁶⁶

- No Zimbábwe, o Diretor de Serviço Veterinários proibiu o registro de abatedouros de jumentos,

citando a inquietação, a acrimônia e a indignação pública em resposta à construção de um abatedouro de jumentos na cidade de Bulawayo. “O referido abatedouro de jumentos, ou qualquer outro estabelecimento com esse propósito, não possuirá licença para operar no Zimbábwe, e nenhum jumento será abatido em nenhum abatedouro”, disse o Dr. J. Nyika, Diretor de Serviços Veterinários, Zimbábwe.⁶⁷



Manifestantes contra o comércio de peles ocupam as ruas brasileiras



PECUÁRIA

À medida que aumenta a concorrência pelo minguante suprimento de jumentos, a pecuária é vista cada vez mais como uma solução para garantir o fornecimento regular de peles. As criações de jumentos também visam a comercialização da carne e de derivados do leite. Tem havido investimentos significativos em criações de jumentos na China, e há estudos para a implantação de criações na África, Ásia, Austrália e América do Sul.

The Donkey Sanctuary foi convidada para visitar criações de jumentos na China e colaborou com algumas, avaliando o estado de saúde e o bem-estar dos animais e desenvolvendo uma melhor compreensão da pecuária. Desse modo, podemos oferecer apoio e orientações sobre a gestão e as condições essenciais para uma criação bem-sucedida dessa espécie, que evoluiu basicamente para viver em pequenos grupos, e com isso podemos reduzir as preocupações com o bem-estar.

Embora seja possível introduzir boas práticas de bem-estar animal em criações de jumentos, a espécie apresenta necessidades complexas; seus ciclos reprodutivos são lentos, e a sua criação exige um investimento significativo tanto de tempo quanto de dinheiro. Em muitos casos, a criação de jumentos não favorece o bem-estar de uma espécie que evoluiu para viver em pequenos grupos.

Se as práticas de criação de jumentos reproduzir as práticas empregadas na criação de outras

espécies, será preciso considerar a ameaça de modificações genéticas e seleção artificial para grandes produções. As alterações genéticas ou a seleção artificial podem levar à geração de jumentos com determinadas fragilidades e defeitos, que acabarão por serem aceitos se a produção de pele, leite, carne ou derivados for melhorada. Tais jumentos jamais poderão viver uma vida livre de sofrimentos e transmitirão essas características para seus descendentes, propagando o sofrimento para gerações futuras.

Há evidências de que seriam necessários 20 anos ou mais para alcançar o número de jumentos exigido pela indústria do ejiao. A criação de jumentos não oferece um retorno rápido de investimentos nem uma solução para a atual diminuição das fontes de jumentos.

Embora um modelo elaborado pela Universidade de Reading permita prever os níveis de produção, como há pouca informação sobre a criação de jumentos, a aplicação desse modelo é baseada em muitas suposições, e ele é apenas um indicador.

Com base nesse modelo extremamente otimista, que pressupõe excelente bem-estar animal, com fêmeas parindo a cada 17 meses e um índice de mortalidade de apenas 1%, uma criação com um rebanho inicial de 200.000 fêmeas levaria 15 anos para fornecer 1,2 milhão de peles. Esse número representa apenas um quarto das cerca de 4,8 milhões de peles necessárias anualmente para sustentar a indústria. A implantação de um sistema de criação capaz de fornecer as 4,8 milhões de peles necessárias poderia levar mais de 20 anos.

Esse modelo mostra que é necessário um rebanho de 4,8 milhões de jumentos para a produção de 1,2 milhão de peles anualmente. Sendo assim, prevê-se que seriam necessários 19 milhões de jumentos para fornecer o total de 4,8 milhões de peles exigidas pela indústria anualmente.

Esse modelo mostra claramente que é preciso investir muitos anos para a implantação de criações capazes de atender à demanda, e que as promessas de um retorno rápido são infundadas.

Um plano de negócios elaborado para o abatedouro de Dodoma, na Tanzânia, e analisado pela The Donkey Sanctuary, propõe um investimento de US\$ 3,2 milhões ao longo de quatro anos para aumentar um rebanho de jumentos de 900 para 1.719 animais – um acréscimo de somente 819. Um investimento de US\$ 3,2 milhões para adicionar 819 animais a um rebanho equivale a um investimento de quase US\$ 4.000 por animal. O rebanho final de 1719 jumentos atenderia à capacidade do abatedouro por menos de três dias.⁶⁸

O plano de negócios não menciona como a empresa obterá os jumentos restantes para operar o abatedouro durante o período de quatro anos.

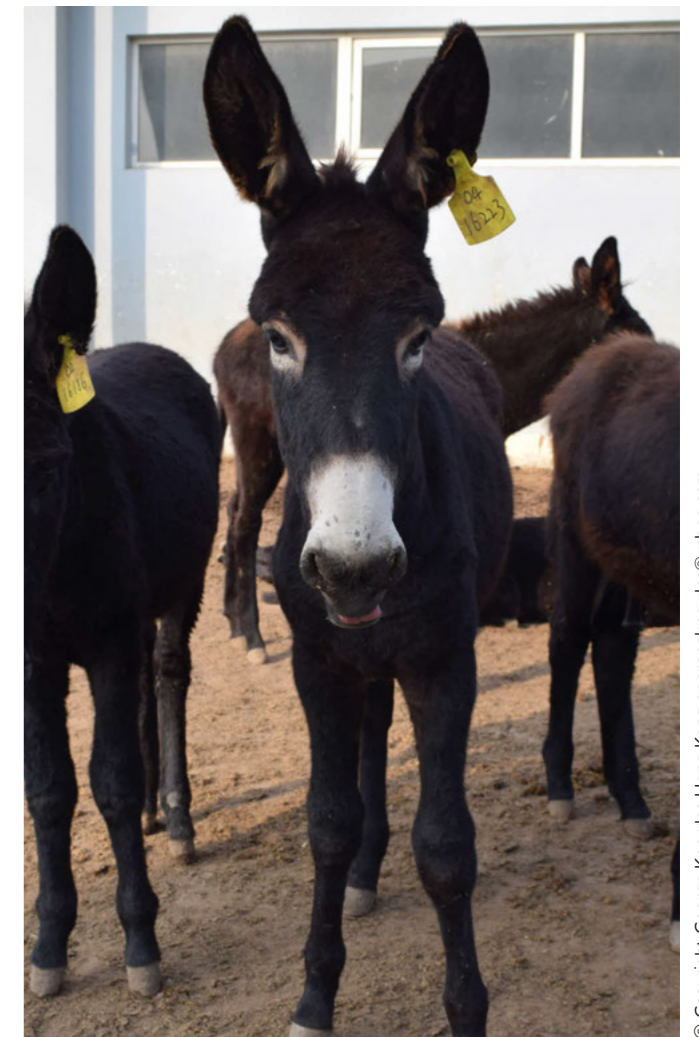
Um plano elaborado para o abatedouro de Shinyanga, também na Tanzânia, apresentou um modelo igualmente desvantajoso. Ele propõe um investimento de US\$ 3,7 milhões ao longo de quatro anos para aumentar um rebanho inicial de 296 jumentos para um total de 683. Esse aumento de somente 387 jumentos, com uma capacidade de abate de menos de dois dias, representaria um custo médio de US\$ 9.650 por jumento.⁶⁹

O investimento significativo apresentado nessas propostas, tanto de tempo quanto de dinheiro, representa claramente uma abordagem que não é lucrativa. Para que esses abatedouros consigam jumentos suficientes para atender à sua capacidade de abate e obter lucros, eles precisariam capturar jumentos do rebanho nacional da Tanzânia. Se o abate continuar no ritmo atual, esse rebanho será

completamente erradicado antes dos quatro anos necessários para a conclusão desses projetos.

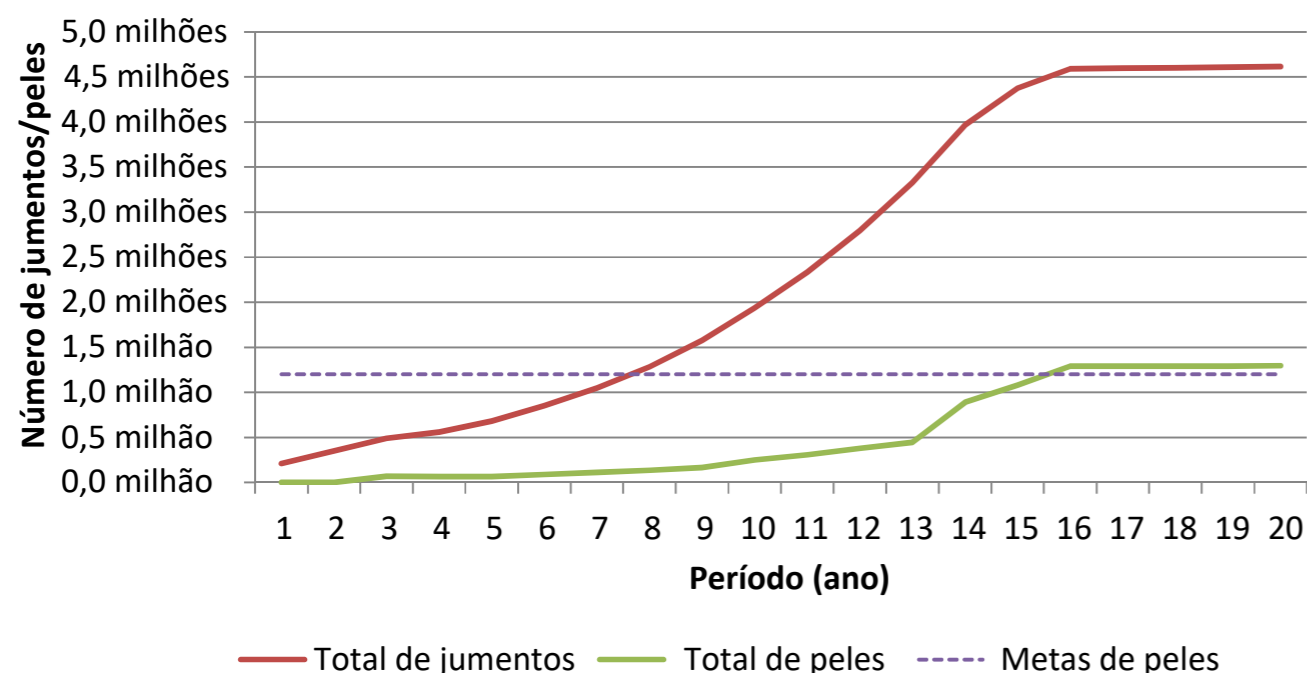
Ainda que esses planos de negócio não sejam realistas nem lucrativos, o maior perigo apresentado pelas criações é o risco de que essas fazendas atuem como uma fachada para um escoamento geralmente ilegal da produção, afetando portanto o rebanho nacional.

As complexidades e os riscos inerentes associados à criação de jumentos foram reconhecidos pelo Dr. Sahelu, Assessor Especial do Ministro da Agricultura da Etiópia, em seu pronunciamento na *conferência sobre proteção do rebanho nacional de jumentos da Etiópia* em 2018, um evento organizado pelo governo da Etiópia em conjunto com a The Donkey Sanctuary. “Pode ser que leve algum tempo até que os planos de criação de jumentos em grande escala na Etiópia sejam vantajosos o suficiente para cumprir seu potencial econômico e assegurar que o suprimento de peles para o mercado não seja oriundo do nosso rebanho nacional”, disse o Dr. Sahelu. “Precisamos evitar alimentar esperanças e expectativas de uma mina de ouro que só existe na imaginação dos garimpeiros.”



© Copyright George Knowles Hong Kong georgeknowles@yahoo.com

Peles produzidas e número total de jumentos



Tempo necessário para atingir os níveis pretendidos de produtividade (Universidade de Reading)

O QUE ESTAMOS FAZENDO

■ The Donkey Sanctuary trabalha para transformar a qualidade de vida de jumentos do mundo inteiro.

Somos uma instituição internacional de bem-estar animal sem fins lucrativos com um alcance de mais de 40 países em todo o mundo, e trabalhamos em prol de um mundo onde os jumentos e as mulas vivam uma vida livre de sofrimentos e onde sua contribuição para a humanidade seja plenamente valorizada. Alcançaremos esse objetivo transformando a qualidade de vida dos jumentos, mulas e pessoas do mundo inteiro por meio de uma maior compreensão, colaboração e apoio, promovendo relações duradouras e mutuamente enriquecedoras.

Somos defensores mundiais dos jumentos. Trabalhamos para influenciar a política e a legislação e garantir que as leis sejam cumpridas. Ao buscar melhorias estruturais para o bem-estar dos jumentos, podemos influenciar o bem-estar desses animais mundialmente em longo prazo.

Dispomos de representatividade em fóruns como o Gabinete Interamericano dos Recursos Animais da União Africana (AU-IBAR) e trabalhamos junto a governos para influenciar

políticas e leis, trabalhando com a OIE, o Banco Mundial, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e a União Europeia.

Somos reconhecidos no palco mundial como líderes em bem-estar equino e temos atualmente 7.000 jumentos e mulas sob nossos cuidados.

Trabalhamos com comunidades e governos nacionais para impedir o impacto desastroso do mercado de peles sobre as populações de jumentos, o bem-estar dos jumentos e as pessoas que dependem de jumentos para sua subsistência.

- Estamos trabalhando junto ao governo da Etiópia para proteger seu rebanho nacional contra os planos da indústria de implementar um comércio de pele de jumento no país. Em estreita colaboração com The Donkey Sanctuary, o governo financiou uma conferência nacional com foco na proteção do rebanho nacional em novembro de 2018. Um grupo de trabalho técnico foi criado para elaborar um



A organização comunitária ARAF Plateau Dogon formou patrulhas para proteger seus jumentos contra roubo



The Donkey Sanctuary visita comunidades proprietárias de jumentos no Quênia

plano nacional de desenvolvimento equino. Enquanto isso, a comercialização permanece suspensa.

- Estamos apoiando parlamentares nigerianos que, inspirados pelo posicionamento assumido por outros países, introduziram um projeto de lei que proíbe o abate de jumentos para o mercado de peles.
- Estamos firmando parcerias com organizações comunitárias em países afetados, como Mali e Tanzânia, para conscientizar a população sobre os riscos para os jumentos de trabalho e a subsistência, experimentar novas maneiras de proteger os jumentos contra o comércio ilegal e promover a necessidade de mais ações para defender rebanhos locais e nacionais.
- Autoridades brasileiras solicitaram nosso parecer, na qualidade de especialistas, que será usado por promotores no processo contra a empresa chinesa que operava o estabelecimento onde centenas de jumentos foram encontrados famintos, e muitos mortos.
- Damos voz àquelas comunidades e indivíduos que dependem de jumentos em países como Quênia, Tanzânia e Etiópia, cujos apelos por ajuda não são ouvidos ou precisam ser amplificados.
- Junto à aliança Coalizão Internacional para Equídeos de Trabalho (ICWE), produzimos materiais educativos com base em melhores práticas de procedimentos de biossegurança. Esses materiais são oferecidos a países onde

está havendo disseminação de doenças entre suas populações equinas, especialmente quando as doenças estão sendo transmitidas através das fronteiras e podem ter um impacto avassalador em comunidades que dependem de jumentos.

Também temos um programa contínuo e abrangente de investigação e pesquisa em nível mundial que expõe os impactos do comércio de peles. Denunciamos redes internacionais de tráfico de jumentos e ligações entre esse mercado e outros tipos de práticas criminosas, bem como a relutância dos comerciantes em obedecer à legislação e proteger os animais e as pessoas. Quando as leis são desrespeitadas e o bem-estar animal é gravemente comprometido, cobramos ações das autoridades. The Donkey Sanctuary comissionou ou realizou investigações em Botswana, Camarões, Costa do Marfim, Zimbábue, África do Sul, Namíbia, Quênia, Tanzânia, Etiópia, Ghana, Burkina Faso, Brasil e México.

Em 2017, entramos em contato com as plataformas eBay, Amazon e Alibaba para pedir que suspendessem as vendas de ejiao. O eBay respondeu positivamente, afirmando que a maior parte das declarações a respeito dos benefícios do ejiao não tinham fundamento e que a venda de ejiao não seria mais permitida. A Amazon se recusou a parar de vender ejiao e o Alibaba não respondeu às nossas mensagens.



Nosso primeiro relatório Sob a Pele foi traduzido para nove idiomas e foi fundamental para aumentar a conscientização sobre o mercado de peles e seu impacto em nível mundial. Desde então, continuamos a aumentar a visibilidade desta causa junto a governos nacionais e à comunidade internacional.

As criações de jumentos na China estão aumentando cada vez mais, não apenas para suprir a demanda da indústria do ejiao, mas também da indústria da carne e do mercado crescente de leite de jumento e derivados.

A The Donkey Sanctuary e a World Horse Welfare formaram uma parceria inovadora com o Comitê Chinês de Cooperação Internacional para o Bem-estar Animal (China's International Cooperation Committee for Animal Welfare, ICCAW) e a Associação da Indústria Equestre Chinesa (China Horse Industry Association, CHIA) e estamos trabalhando com essas entidades para promover maior bem-estar e conhecimento sobre os cuidados clínicos e a criação de jumentos. Estamos oferecendo orientações e treinamento específicos sobre saúde e bem-estar de jumentos para aumentar o conhecimento das partes interessadas sobre as necessidades da espécie. Fomos convidados para conhecer fazendas e fornecemos material educativo, e também trabalharemos com universidades e a indústria pecuária para facilitar o treinamento de tratadores, proprietários e profissionais de saúde animal.

The Donkey Sanctuary, juntamente com a Brooke, a SPANA e a World Horse Welfare, são membros da Coalizão Internacional para Equídeos de Trabalho (International Coalition for Working Equids, ICWE). A ICWE foi criada para unir vozes em torno de questões relativas a equídeos ao lidar com a OIE. Ela trabalhou para firmar um acordo internacional sobre normas de bem-estar de equídeos de trabalho, e o posterior treinamento e implementação dessas normas. Desde então, a ICWE se tornou a principal voz defensora dos equídeos em nível mundial. Ela se relaciona com Países-membros e agências da ONU, incluindo o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e órgãos como o Banco Mundial, para tratar da importância do bem-estar dos animais de trabalho em alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

No que tange questões específicas, como o comércio de pele de jumento, os parceiros da ICWE cooperam para garantir que o maior



Estudo de caso – em defesa dos jumentos, Mali

Na região de Segou, no Mali, onde mais de 95% da população rural depende da ajuda de equinos para sua subsistência, as comunidades estavam perdendo mais de 50 jumentos todos os meses devido a roubos. As carcaças dos jumentos eram muitas vezes encontradas posteriormente no campo, sem as peles.

Com o apoio da The Donkey Sanctuary, a ARAF Plateau Dogon, uma organização comunitária voltada à proteção dos meios de subsistência e à capacitação de mulheres, criou patrulhas para proteger seus jumentos contra roubos. Além de patrulhar a região dia e noite, o grupo conversa com os habitantes das vilas sobre a necessidade de permanecerem atentos aos riscos de roubo de jumentos. A ARAF Plateau Dogon trabalhava inicialmente com 52 vilas; hoje, esse número aumentou para mais de 150.

O número de jumentos roubados caiu para zero. Contudo, as patrulhas descobriram redes complexas e extensas de tráfico de jumentos, com milhares de jumentos sendo traficados através das fronteiras para suprir o mercado.

número possível de partes interessadas esteja ciente das ameaças enfrentadas por jumentos e as medidas necessárias para protegê-los. A coalizão também produziu uma série de materiais educativos com base em melhores práticas de procedimentos de biossegurança. Esses materiais são oferecidos a países onde está ocorrendo disseminação de doenças entre suas populações equinas, especialmente quando as doenças estão sendo transmitidas através das fronteiras e podem ter um impacto avassalador em comunidades que dependem de jumentos para sua subsistência.



UM FUTURO HUMANITÁRIO E SUSTENTÁVEL

À medida que a crise enfrentada pelos jumentos continua, é mais importante que nunca investir em soluções humanitárias e sustentáveis, em que a demanda por ejiao possa ser atendida sem comprometer o bem-estar dos jumentos, a sobrevivência das comunidades ou a saúde das pessoas e do meio ambiente.

Há enormes avanços no setor de agricultura celular na China e em todo o mundo. Descobertas revolucionárias sobre a produção de colágeno animal são exemplos promissores que podem representar uma opção para o futuro do ejiao, tornando o colágeno derivado de jumento cultivado artificialmente – ou até mesmo a pele cultivada em laboratório – uma perspectiva plausível. No caso do colágeno, a tecnologia já está sendo aplicada.

A agricultura celular está sendo explorada por alguns produtores de ejiao e, se essa solução se materializar, poderá proporcionar à indústria uma fonte regular, controlada e higiênica de matérias-primas, sem comprometer o bem-estar dos jumentos, a viabilidade econômica das comunidades e a saúde das pessoas e do meio ambiente.



RECOMENDAÇÕES

1. Que a indústria do ejiao se desvincule do mercado global de peles e apoie os governos nacionais em seus esforços para proteger seus rebanhos nacionais.
2. Que a indústria do ejiao acelere as providências para desenvolver fontes mais sustentáveis de matérias-primas, especialmente no ramo da agricultura celular.
3. Que o governo chinês suspenda a importação de jumentos e seus produtos até que ambos sejam comprovadamente humanitários, sustentáveis e seguros.
4. Que os governos nacionais adotem medidas imediatas para interromper o comércio de pele de jumento.

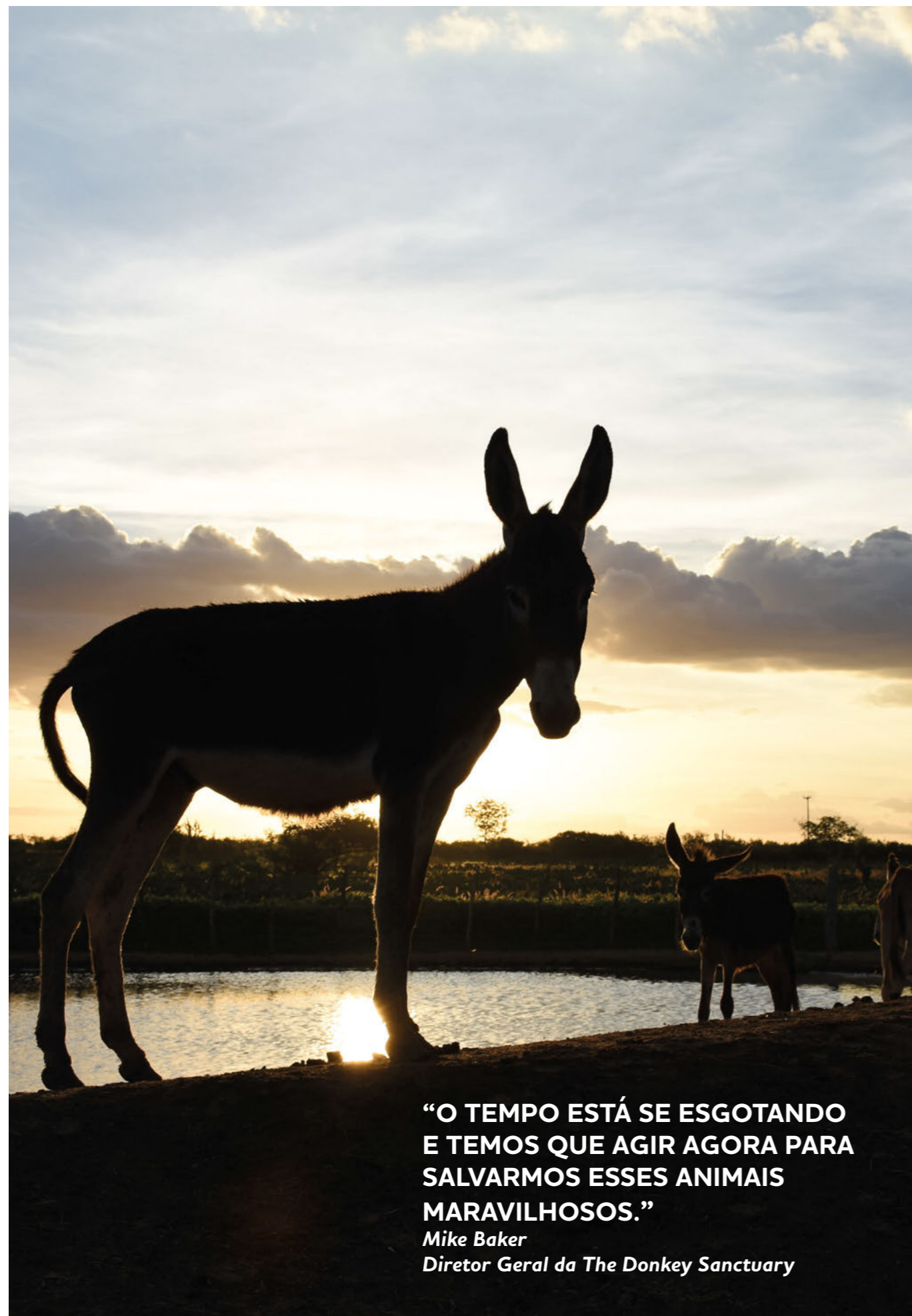
Enquanto não tiver sido aplicada uma suspensão:

- Os governos instruem os órgãos de aplicação da lei para que apliquem e façam aplicar as leis existentes, inclusive leis de bem-estar animal, em situações nas quais essas leis estão sendo ignoradas por alguns agentes desse mercado.
 - Os governos adotam medidas urgentes de proteção dos jumentos a fim de preservar os meios de subsistência e o acesso à água, educação e desenvolvimento econômico rural em comunidades dependentes de jumentos.
 - Os governos e a comunidade veterinária mundial adotam medidas urgentes para atenuar o risco de disseminação global de doenças e a ameaça à biossegurança que o comércio amplamente não regulado de jumentos e peles representa tanto para os rebanhos quanto para as pessoas.
 - Os governos nacionais e a comunidade internacional agem para enfrentar o contínuo impacto e degradação ambiental provocados pelo comércio de peles, incluindo a poluição da água e do solo.
5. Que o comércio de pele de jumento não seja restabelecido até que os governos e a indústria do ejiao possam provar que esse mercado adota práticas humanitárias, sustentáveis e seguras.
 6. Que as empresas que vendem produtos à base de ejiao com declarações infundadas sobre sua eficácia, ou que proporcionam uma plataforma para que comerciantes do país possam oferecer peles para venda, sigam o exemplo do eBay e do Gumtree e suspendam todas as vendas de ejiao e/ou todos os anúncios de pele e couro.
 7. Que os governos nacionais priorizem a coleta de dados de recenseamento de jumentos e mulas em linha com outros animais de produção.



REFERÊNCIAS

1. Global Times 2018, <http://www.globaltimes.cn/content/1083014.shtml>
2. Global Times 2018, <http://www.globaltimes.cn/content/1083014.shtml>
3. XinhuaNet 2017, http://www.xinhuanet.com/english/2017-12/20/c_136840390.htm
4. Bennett & Pfuderer 2019, Demand for donkey hides and implications for global donkey populations. Discussion paper presented at the Agricultural Economics Society, 93rd Annual Conference, April 15-17, 2019, Warwick University, Coventry, UK.
5. Global Times 2018, <http://www.globaltimes.cn/content/1083014.shtml>
6. China Daily 2015, http://www.chinadaily.com.cn/business/2015-12/22/content_22771405.htm
7. Global Times 2017, <http://www.globaltimes.cn/content/1062211.shtml>
8. United States Securities and Exchange Commission Registration Statement 2019, https://www.sec.gov/Archives/edgar/data/1751876/000121390019010282/ff12019a4_happinessbiotech.htm
9. Yicai Global 2019, <https://yicaiglobal.com/news/china-biggest-e-jiao-maker-profits-plunge-by-75-ending-12-years-of-strong-growth>
10. China Statistical Yearbook, National Bureau of Statistics of China, 2017. <http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2018/indexh.htm>
11. China Daily 2018, http://www.chinadaily.com.cn/china/2016-01/28/content_23287841.htm
12. African Network for Animal Welfare 2019, comunicações pessoais
13. Quartz Africa 2017, <https://qz.com/1062794/as-other-african-countries-ban-donkey-slaughter-kenya-doubles-down-to-meet-chinese-demand>
14. Oxpeckers 2018, <https://oxpeckers.org/2018/11/kenya-donkey-crisis/>
15. Eurasianet 2018, <https://eurasianet.org/kyrgyzstan-parliament-back-on-the-donkey-trail-again>
16. BBC 2018, <https://www.bbc.com/zhongwen/trad/fooc-45877784>
17. The Food and Agriculture Organization (FAO) 2019, <http://www.fao.org/faostat/en/?#data/QA>
18. Oxpeckers 2019, <https://oxpeckers.org/2019/05/donkey-slaughter-capital-of-west-africa/>
19. Zhu & Weng 2018, China: will the donkey become the next pangolin?, *Equine Veterinary Journal*, 50 (2), p.276
20. Oxpeckers 2019, <https://oxpeckers.org/2019/05/donkey-slaughter-capital-of-west-africa/>
21. Burden & Thiemann 2015, Donkeys Are Different, *Journal of Equine Veterinary Science*, p.35 (5), 376-382
22. Oxpeckers 2018, <https://oxpeckers.org/2018/05/zimbabwe-donkeys/>
23. National Geographic 2017, <https://news.nationalgeographic.com/2017/09/wildlife-watch-donkey-skins-china-wildlife-trafficking/>
24. New Telegraph 2018, <https://www.newtelegraphng.com/2018/01/ebonyi-residents-donkey-business/>
25. African Network for Animal Welfare 2019
26. China Dialogue 2019, <https://www.chinadialogue.net/article/show/single/en/11338-Brazil-s-ban-on-donkey-slaughter-halts-trade-with-China>
27. Development and Cooperation 2018, <https://www.dandc.eu/en/article/too-many-donkeys-are-slaughtered-ghana-order-export-their-meat-and-skins>
28. Bristol University 2016, Socioeconomic value of working donkeys in Central Ethiopia
29. Business Daily 2018, <https://www.businessdailyafrica.com/news/counties/Donkey-keepers-protest-rising-theft-cases/4003142-4620296-7cu8rx/index.html>
30. Brooke 2015, *Invisible Workers: The economic contributions of working donkeys, horses and mules to livelihoods*, <https://www.thebrooke.org/sites/default/files/Advocacy-and-policy/Invisible-workers-report.pdf>
31. Daily Nation 2017, <https://www.nation.co.ke/video/news/4146788-4182640-gxufpgz/index.html>
32. Oxpeckers 2017, <https://oxpeckers.org/2018/06/botswana-eyes-donkey-trade-with-asia/>
33. Oxpeckers 2017, <https://oxpeckers.org/2017/08/botswana-donkey-trade/>
34. Mail & Guardian 2019, <https://mg.co.za/article/2017-09-08-00-inside-botswanas-illegal-donkey-trade>
35. The Donkey Sanctuary 2017, <https://www.thedonkeysanctuary.org.uk/news/ghana-urged-to-enforce-ban-on-slaughter-and-export-of-skins>
36. Oxpeckers 2019, <https://oxpeckers.org/2019/05/donkey-slaughter-capital-of-west-africa/>
37. AzamTV 2018, <http://news.azamtv.com/en/news/lugola-orders-donkey-slaughtering-factory-to-shut-immediately-for-environment-concerns-23763>
38. Koaci 2019, https://www.koaci.com/article/2019/07/29/cote-divoire/societe/cote-divoire-des-asiatiques-tenaient-un-abattoir-clandestin-a-ouangolodougou_133431.html
39. South Africa National Prosecuting Authority 2017, comunicado de imprensa, <https://www.npa.gov.za/sites/default/files/media-releases/NPA%20Obtains%20A%20Preservation%20Order%20For%202921%20Donkey%20Hides.pdf>
40. Laverdad 2019, <http://www.laverdad.com/sucesos/115302-sigoenmidrepre-15.html>
41. HispanTV 2017, <https://www.hispantv.com/noticias/afganistan/329616/contrabando-piel-burro-terroristas-ocular-minas>
42. National Geographic 2017, <https://news.nationalgeographic.com/2017/09/wildlife-watch-donkey-skins-china-wildlife-trafficking/>
43. The World Organisation for Animal Health (OIE) 2019, http://www.oie.int/wahis_2/public/wahid.php/Reviewreport/Review?reportid=29135
44. The Society for the Protection of Animals Abroad 2018, comunicação pessoal
45. American Veterinary Medical Association 2019, <https://www.avma.org/News/JAVMANews/Pages/190115c.aspx>
46. Economic Community of West African States 2016, <http://www.ecowas.int/update-experts-list-way-forward-on-animal-health/>
47. Jeune Afrique 2016, <https://www.jeuneafrique.com/348258/societe/burkina-gouvernement-met-fin-a-lexportation-anes/>
48. Jeune Afrique 2016, <https://www.jeuneafrique.com/348258/societe/burkina-gouvernement-met-fin-a-lexportation-anes/>
49. Gambian Department of Livestock, comunicações pessoais da The Gambia Horse and Donkey Trust
50. Mali 7 2017, <https://mali7.net/2017/03/21/le-mali-interdit-lexportation-de-la-peau-danes-vers-lasie-2/>
51. BBC 2016, <https://www.bbc.com/news/world-africa-37286811>
52. Independent 2019, <https://www.independent.ng/we-need-drastic-measures-to-save-donkey-population-in-nigeria-fg/>
53. Horsetalk 2016, <https://www.horsetalk.co.nz/2016/11/16/desperate-times-donkeys-chinese-hide-market/>
54. Corrieo 2018, <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/justica-proibe-o-abate-de-jumentos-na-bahia-apos-casos-de-maus-tratos/>
55. Correio 2019, <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/justica-cassa-liminar-que-proibia-abate-de-jumentos-na-bahia/>
56. BBC 2017, <https://www.bbc.com/afrique/region-40515959>
57. Colombian Department of Agriculture 2018, comunicações pessoais
58. Addis Fortune 2017, <https://addisfortune.net/articles/donkey-abattoir-still-in-business-despite-ban/>
59. Business Today 2019, <https://www.businesstoday.in/current/world/pakistan-to-earn-millions-by-exporting-donkeys-to-china/story/316734.html>
60. Business Recorder 2019, <https://fp.brecorder.com/2019/03/20190329459330/>
61. The Pioneer 2019, <https://www.dailypioneer.com/2019/page1/pak-donkey-numbers-boom.html>
62. Quivertree Consulting 2018, Environmental Impact Assessment, comunicação pessoal
63. Sudan Director of Veterinary Services 2018, comunicação pessoal
64. South Sudan Director of Veterinary Services 2019, comunicação pessoal
65. IPP Media 2018, <https://www.ippmedia.com/en/business/nemc-shuts-down-donkey-meat-factory-dodoma>
66. Ugandan Ministry of Agriculture, Animal Industry and Fisheries 2017, comunicação pessoal
67. Oxpeckers 2018, <https://oxpeckers.org/2018/05/zimbabwe-donkeys/>
68. Hua Cheng International 2017
69. Fang Hua Investment Company 2017



**“O TEMPO ESTÁ SE ESGOTANDO
E TEMOS QUE AGIR AGORA PARA
SALVARMOS ESSES ANIMAIS
MARAVILHOSOS.”**

*Mike Baker
Diretor Geral da The Donkey Sanctuary*



THE DONKEY SANCTUARY

Slade House Farm, Sidmouth, Devon EX10 0NU
T [44] (0)1395 578222 F [44] (0)1395 579266
E enquiries@thedonkeysanctuary.org.uk
thedonkeysanctuary.org.uk

The Donkey Sanctuary foi fundada pela Dra. Elisabeth Svendsen MBE em 1969. The Donkey Sanctuary (n.º de registo 264818) e seu único fiduciário, The Donkey Sanctuary Trustee Limited (n.º de registo 07328588), ambas com escritório registrado em Slade House Farm, Sidmouth, EX10 0NU. Instituições de caridade vinculadas: The Elisabeth Svendsen Trust for Children and Donkeys (EST); The International Donkey Protection Trust (IDPT).

APOIO:



The Donkey Sanctuary gostaria de agradecer à Brooke e à SPANA (Sociedade Protetora de Animais no Exterior) por sua constante colaboração para esta causa importante.